



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AMBIENTAL  
GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA**

**TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO DA ASMARE NO  
BAIRRO BARRO PRETO E SEU PAPEL NA INCLUSÃO SOCIOAMBIENTAL**

**Mariana Soares Madeira Pereira**

**Belo Horizonte**

**2025**

**Mariana Soares Madeira Pereira**

**TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO DA ASMARE NO  
BAIRRO BARRO PRETO E SEU PAPEL NA INCLUSÃO SOCIOAMBIENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira Ambiental e Sanitarista

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Gisele Vidal Vimieiro  
Co-orientadora: Hellen Cordeiro Alves Marquezini

**Belo Horizonte  
2025**

MARIANA SOARES MADEIRA PEREIRA

TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO DA ASMARE NO BAIRRO  
BARRO PRETO E SEU PAPEL NA INCLUSÃO SOCIOAMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro Federal de Educação Tecnológica de  
Minas Gerais como requisito parcial para  
obtenção de título de Engenheira Ambiental e  
Sanitarista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Vidal Vimieiro  
Co-orientadora: Hellen C. Alves Marquezini

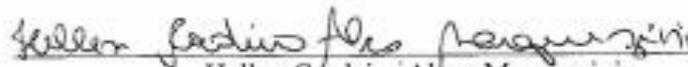
Data de aprovação: 14 / 07 / 2025

Banca examinadora:



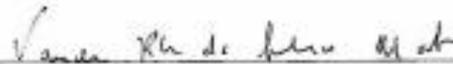
Gisele Vidal Vimieiro

Prof. Dra. – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



Hellen Cordeiro Alves Marquezini

Doutoranda - Fundação Getúlio Vargas - FGV-EAESP



Vandeir Robson da Silva Matias

Prof. Dr. – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



Daniel Brianezi

Prof. Dr. – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Este trabalho é dedicado ao Tempo Rei.

## RESUMO

PEREIRA, MARIANA. **TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO DA ASMARE NO BAIRRO BARRO PRETO E SEU PAPEL NA INCLUSÃO SOCIOAMBIENTAL**. 2025. 82 páginas. (Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária) – Departamento de Ciência e Tecnologia Ambiental, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

Este trabalho analisa a atuação da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis (ASMARE), localizada no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte, e seu papel na promoção da inclusão socioambiental e da sustentabilidade urbana. O objetivo principal foi compreender de que maneira a trajetória histórica da associação, marcada por desigualdades sociais e pelo racismo ambiental, contribui para a geração de trabalho e renda, a valorização do protagonismo dos catadores e o fortalecimento de práticas sustentáveis. Adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e observação não participante realizada em visitas à associação. Além disso, foram examinados dados estatísticos dos anos de 2013, 2024 e 2025, fornecidos pela equipe administrativa da ASMARE, com o intuito de identificar o perfil dos(as) catadores(as) associados(as) e as transformações ao longo do tempo. Os resultados evidenciam que a ASMARE exerce papel estratégico na gestão de resíduos recicláveis, promovendo não apenas benefícios ambientais, como a redução da destinação de resíduos a aterros sanitários, mas também impactos sociais significativos, tais como o fortalecimento da economia solidária, a ampliação da participação das mulheres na gestão da associação e o acolhimento de populações em situação de vulnerabilidade. Conclui-se que experiências como a da ASMARE demonstram o potencial das organizações comunitárias na construção de territórios sustentáveis, por meio da integração entre inclusão social e justiça ambiental.

Palavras-chave: Catadores de recicláveis. Reciclagem. Racismo ambiental. Economia solidária.

## ABSTRACT

PEREIRA, MARIANA. **Title.** 2025. 82 pages. Undergraduate thesis (Environmental and Sanitary Engineering) - Department of Environmental Science and Technology, Federal Center of Technological Education of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

This study analyzes the work of the Association of Paper, Cardboard and Recyclable Materials Collectors (ASMARE), located in the Barro Preto neighborhood of Belo Horizonte, and its role in promoting socio-environmental inclusion and urban sustainability. The main objective was to understand how the association's historical trajectory, marked by social inequalities and environmental racism, contributes to income generation, the recognition of waste pickers' protagonism, and the strengthening of sustainable practices. A qualitative approach was adopted, based on bibliographic review, document analysis, and non-participant observation carried out during visits to the association. In addition, statistical data from the years 2013, 2024, and 2025—provided by ASMARE's administrative team—were examined to identify the profile of its members and the changes that occurred over time. The results show that ASMARE plays a strategic role in recyclable waste management, promoting not only environmental benefits, such as reducing waste disposal in landfills, but also significant social impacts, such as the strengthening of the solidarity economy, the increased participation of women in the management of the association, and the inclusion of populations in situations of vulnerability. It is concluded that experiences such as ASMARE's demonstrate the potential of community organizations in building sustainable territories through the integration of social inclusion and environmental justice.

Keywords: Recyclable collectors. Recycling. Environmental racism. Solidarity economy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vazadouro a céu aberto.....	19
Figura 2 - Aterro Controlado .....	20
Figura 3 - Aterro Sanitário.....	21
Figura 4 - Compostagem .....	22
Figura 5 – Catadores realizando a triagem de materiais recicláveis.....	23
Figura 6 - Carolina Maria de Jesus .....	29
Figura 7 - Principais pontos de apoio e rotas percorridas pelos catadores no bairro Barro Preto .....	33
Figura 8 - Mapa de Localização das Unidades da ASMARE .....	37
Figura 9 - Gráfico comparativo de gênero associados à ASMARE (2013 - 2024).....	50
Figura 10 - Gráfico perfil etário dos catadores associados à ASMARE (2023-2024) .....	51
Figura 11 - Gráfico Estado Civil .....	53
Figura 12 - Gráfico Município de Residência dos catadores associados à ASMARE .....	54
Figura 13 - Gráfico Município de Nascimento dos catadores associados à ASMARE .....	55
Figura 14 - Gráfico de Escolaridade em 2013 dos catadores associados à ASMARE.....	56
Figura 15 - Gráfico Escolaridade em 2024 dos catadores associados à ASMARE .....	56
Figura 16 - Gráfico Utiliza caminhão ASMARE .....	58
Figura 17 - Gráfico Possui Carrinho Próprio.....	59
Figura 18 - Gráfico Possui Conta Bancária .....	59
Figura 19 - Gráfico Associados contribuintes do INSS .....	60
Figura 20 - Gráfico Tipo de Moradia .....	61
Figura 21 - Registro Fotográfico da parte externa da ASMARE .....	72

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABREMA – Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente

ASCOM – Assessoria de Comunicação Social

ASMARE – Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

CIISC – Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômico Aplicada

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RSU – Resíduos Sólidos Urbanos

SLU – Superintendência de Limpeza Urbana

SNIS – Sistema Nacional de Informações Sobre Saneamento

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>Resíduos Sólidos no Brasil .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>Os tipos de destinação de Resíduos Sólidos Urbanos.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Vazadouro a céu aberto (lixão) .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Aterro Controlado.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.3</b>	<b>Aterro Sanitário.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.4</b>	<b>Incineração.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2.5</b>	<b>Compostagem.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2.6</b>	<b>Reciclagem .....</b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>Reciclagem e o Papel dos Catadores.....</b>	<b>23</b>
<b>3.4</b>	<b>Associação de Catadores no Brasil .....</b>	<b>26</b>
<b>3.5</b>	<b>Racismo Ambiental e os Catadores .....</b>	<b>27</b>
<b>3.6</b>	<b>Carolina Maria de Jesus .....</b>	<b>29</b>
<b>3.7</b>	<b>Bairro Barro Preto: Transformações Urbanas e Trabalhadores Informais .....</b>	<b>30</b>
<b>3.8</b>	<b>ASMARE em BH: Estudo de Caso .....</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1.1</b>	<b>Investigação do contexto histórico e econômico da associação .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Identificação das principais características dos(as) associados(as) da ASMARE</b>	<b>40</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Análise da trajetória de resistência e luta por direitos da ASMARE.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>5.1</b>	<b>Contexto histórico e socioeconômico da ASMARE.....</b>	<b>44</b>
<b>5.2</b>	<b>Identificação das principais características dos(as) catadores(as) associados....</b>	<b>48</b>

<b>5.3</b>	<b>O Encontro com a realidade socioambiental da ASMARE.....</b>	<b>63</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>74</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A gestão de resíduos sólidos urbanos configura-se como um dos principais desafios para a sustentabilidade ambiental nas cidades contemporâneas. Devido ao aumento da geração de resíduos, infraestrutura precária e impactos ambientais, as políticas públicas muitas vezes são insuficientes e a reciclagem ainda é limitada para a grande demanda das cidades. Nesse cenário, as associações de catadores têm papel estratégico ao promover coleta seletiva e a valorização dos materiais recicláveis.

Em Belo Horizonte, a atuação da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis (ASMARE) destaca-se como um exemplo de como a economia circular, como um modelo que visa a regeneração dos recursos naturais (Ministério da Fazenda, 2023), pode ser articulada à inclusão social, contribuindo para a mitigação de impactos ambientais e para o fortalecimento da justiça socioambiental.

Fundada em 1990, a ASMARE integra catadores e catadoras em um sistema produtivo baseado na reciclagem de materiais, promovendo geração de renda e inclusão produtiva. Sua atuação evidencia o potencial de organizações comunitárias na consolidação de práticas sustentáveis em nível local, aliando a preservação ambiental à valorização do trabalho informal (Territórios Populares, s.d.; Sousa, 2018).

Constituída por trabalhadores que exercem atividades de coleta, triagem e comercialização de resíduos recicláveis, a ASMARE contribui diretamente para a redução do volume de resíduos encaminhados aos aterros sanitários, ao mesmo tempo em que promove o reaproveitamento de recursos naturais, fortalecendo os princípios da sustentabilidade urbana (Territórios Populares, s.d.). Sousa (2018) ressalta que o modelo de autogestão da associação valoriza o protagonismo dos catadores, promovendo equidade social e reconhecimento profissional.

A formação das associações de catadores em geral expõe dinâmicas urbanas complexas, atravessadas por processos históricos de separação do espaço e manifestações do racismo ambiental.

Essas dinâmicas se manifestam na distribuição desigual de serviços urbanos, infraestrutura, oportunidades econômicas e acesso a direitos básicos, como saneamento, moradia digna e espaços ambientalmente saudáveis. A separação do espaço, ao marginalizar determinadas populações, especialmente negras e de baixa renda, para áreas periféricas ou degradadas da cidade, perpetua um modelo de urbanização excludente, no qual os impactos ambientais negativos, como a poluição e o acúmulo de resíduos, que recaem de forma desproporcional sobre os grupos mais vulneráveis.

O racismo ambiental, por sua vez, aprofunda essas desigualdades ao invisibilizar as demandas dessas comunidades, limitando sua participação em decisões políticas e na gestão do território.

Nesse cenário, o racismo ambiental emerge como conceito fundamental para a compreensão das vulnerabilidades enfrentadas por populações periféricas. A obra *“Quarto de Despejo”*, de Carolina Maria de Jesus (2004), ilustra a precariedade vivenciada por comunidades negras e pobres, evidenciando as intersecções entre exclusão social, degradação ambiental e ausência de políticas públicas. Esses elementos permanecem presentes na realidade de muitos catadores vinculados à ASMARE, cuja atuação busca justamente combater tais desigualdades (Jesus, 2004; Territórios Populares, s.d.).

Além de sua contribuição ambiental, a ASMARE exerce papel transformador na vida de seus integrantes, promovendo pertencimento e reconhecimento social. Para Sousa (2018), a associação constitui um exemplo de como iniciativas locais podem enfrentar problemas ambientais e, simultaneamente, promover mudanças estruturais nas dimensões social e econômica. Territórios Populares (s.d.) complementa essa perspectiva ao destacar que a integração entre aspectos ambientais e sociais é capaz de produzir efeitos duradouros e sistêmicos.

A atuação da ASMARE transcende a lógica tradicional da gestão de resíduos sólidos ao favorecer a reinserção socioeconômica de trabalhadores historicamente marginalizados. Conforme Sousa (2018), seu modelo evidencia que soluções sustentáveis, ancoradas na justiça social e na valorização do trabalho coletivo, são fundamentais para a construção de cidades onde todos tenham mais oportunidades. As práticas desenvolvidas pela associação demonstram

o potencial de ações locais para influenciar positivamente as dinâmicas globais, contribuindo para a promoção de uma consciência ambiental mais ampla (Territórios Populares, s.d.).

Dessa forma, a experiência da ASMARE reafirma que iniciativas baseadas na economia circular, na gestão participativa de resíduos e na inclusão social possuem grande potencial de transformação. Ao integrar sustentabilidade ambiental e reconhecimento profissional, a associação constrói um modelo que pode ser adaptado a distintas realidades urbanas, contribuindo para a consolidação de cidades ambientalmente sustentáveis e socialmente justas.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da ASMARE na promoção da inclusão socioambiental e da sustentabilidade urbana em Belo Horizonte, a partir de sua trajetória histórica e das transformações vivenciadas pelos(as) catadores(as) associados(as).

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar o contexto histórico e socioeconômico da criação da ASMARE, analisando como a vulnerabilidade social e a exclusão urbana contribuíram para a formação e desenvolvimento da associação;
- Identificar as principais características dos(as) catadores(as) pertencentes a associação, com base no levantamento estatístico e histórico;
- Investigar as dinâmicas sociais e econômicas vivenciadas pelos(as) catadores(as) da ASMARE, utilizando a obra de Carolina Maria de Jesus como referencial interpretativo, com ênfase nas transformações promovidas pela associação e nas intersecções entre gênero, raça e reciclagem como vetor de inclusão socioambiental.

### **3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **3.1 Resíduos Sólidos no Brasil**

O processo de gerenciamento dos resíduos sólidos é composto por diferentes etapas: geração, coleta, tratamento, destinação e disposição final. Segundo o Panorama dos Resíduos Sólidos 2024 elaborado pela Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente (ABREMA, 2024), a produção de resíduos sólidos urbanos (RSU) no Brasil em 2023 foi de aproximadamente 81 milhões de toneladas de RSU, o equivalente a mais de 221 mil toneladas por dia, ou cerca de 382 kg de RSU por habitante durante o ano, com uma média per capita de 1,047 kg/dia.

A coleta dos resíduos é um ponto central na gestão municipal. No Brasil, 93,4% dos RSU foram coletados em 2023, o que representa um aumento de cerca de 0,4% em relação a 2022, mas a coleta seletiva ainda enfrenta desafios (ABREMA, 2024). Conforme o Diagnóstico Temático Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos (SNIS, 2021), apenas 14,7% da população urbana tem acesso ao serviço de coleta seletiva porta a porta. Esse dado reflete o baixo investimento na infraestrutura necessária para ampliação do processo, ainda que a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) determine a responsabilidade dos municípios na implantação desses serviços.

A composição gravimétrica dos resíduos também tem papel essencial no planejamento da gestão. Dados da ABREMA (2024) indicam que 45,3% dos RSU são compostos por matéria orgânica, seguidos pelos recicláveis secos (33,6%) e rejeitos (15,5%). Esse perfil evidencia a necessidade de expandir programas de compostagem e reciclagem, reduzindo a quantidade de rejeitos encaminhados para aterros sanitários.

O tratamento dos resíduos pode ocorrer por meio da reciclagem, compostagem ou incineração. A reciclagem, que é um conjunto de técnicas voltadas ao reaproveitamento de materiais descartados, com o objetivo de reinseri-los no ciclo produtivo, se destaca por sua capacidade de reduzir a necessidade de exploração de recursos naturais e promover a inclusão socioeconômica de trabalhadores, especialmente os catadores de materiais recicláveis (ABREMA, 2024).

Ademais, a compostagem, definida pela Resolução CONAMA n° 481/2017 como processo biológico de valorização da fração orgânica dos resíduos sólidos, realizado sob condições controladas e promovido por micro-organismos, resultando em um produto estável e rico em húmus, representa uma alternativa sustentável para a fração orgânica. Enquanto a incineração, segundo a ABREMA (2024), é uma tecnologia de tratamento térmico que consiste na queima de resíduos em temperaturas elevadas, com o objetivo de reduzir seu volume e destruir substâncias perigosas. Apesar de eficiente na redução de volume, apresenta custos elevados e riscos ambientais.

A destinação final dos resíduos também é um ponto crítico. No Brasil, 58,5% dos RSU coletados em 2023 foram encaminhados para aterros sanitários, enquanto 35,5% ainda foram dispostos de forma inadequada (ABREMA, 2024). Essa disposição inadequada inclui o envio para lixões (vazadouros à céu aberto) e aterros controlados, que não possuem a infraestrutura necessária para evitar a contaminação do solo, da água e do ar, representando riscos à saúde pública e ao meio ambiente.

A PNRS (Brasil, 2010) estabelece que apenas os rejeitos, que são os resíduos que não podem ser reciclados ou reaproveitados e devem ser descartados de forma segura, devem ser encaminhados para aterros sanitários, o que reforça a necessidade de avanços na reciclagem, compostagem e no aproveitamento energético.

A aprovação da PNRS, após 21 anos de discussão, representou um marco na gestão de resíduos no Brasil, definindo a responsabilidade compartilhada entre governo, setor privado e sociedade civil. A implantação de planos de gestão adequados pode gerar benefícios ambientais, sociais e econômicos, promovendo a inclusão social, a geração de empregos e a redução dos impactos ambientais da disposição inadequada dos resíduos sólidos.

### **3.2 Os tipos de destinação de Resíduos Sólidos Urbanos**

A gestão dos resíduos sólidos urbanos é de responsabilidade dos municípios, sendo regulamentadas pela legislação vigente e pelos Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos.

O processo de coleta desses resíduos ocorre periodicamente por meio dos serviços públicos de limpeza urbana, os quais devem seguir normas técnicas e ambientais que visam a minimização dos impactos socioambientais. As principais formas de destinação final desses resíduos incluem:

### 3.2.1 Vazadouro a céu aberto (lixão)

O lixão, é uma forma inadequada de disposição de resíduos sólidos em áreas a céu aberto, sem qualquer critério técnico para a segregação e o tratamento dos rejeitos. A ausência de impermeabilização do solo e de sistemas de controle ambiental resulta na contaminação dos recursos hídricos subterrâneos e superficiais pelo chorume, um líquido altamente poluente oriundo da decomposição da matéria orgânica (Cavalcante; Amorim Franco 2007).

Além dos impactos ambientais, os lixões também representam riscos à saúde pública, uma vez que favorecem a proliferação de vetores de doenças, como ratos e insetos, além da exposição da população a metais pesados e outras substâncias tóxicas. Destaca-se, ainda, a presença de catadores que trabalham na coleta informal de materiais recicláveis, frequentemente em condições insalubres e sem equipamentos de proteção adequados (Neves et al., 2017). A Figura 1, a seguir, mostra um vazadouro a céu aberto:

Figura 1 - Vazadouro a céu aberto



Fonte: Rodrigues (2014)

### 3.2.2 Aterro Controlado

Conforme ilustra a Figura 2, o aterro controlado representa um modelo intermediário de destinação de resíduos sólidos urbanos, no qual há um maior controle operacional em relação aos lixões. Entretanto, ainda carece de elementos essenciais de proteção ambiental, como a impermeabilização do solo, o sistema de drenagem de chorume e a captação e tratamento de gases poluentes, o que pode resultar na contaminação dos recursos naturais adjacentes (Minas Gerais, 2008).

Figura 2 - Aterro Controlado



Fonte: Resiclean (2014)

### 3.2.3 Aterro Sanitário

O aterro sanitário é considerado a forma mais adequada de disposição final de rejeitos, pois segue rigorosos padrões técnicos e ambientais. A infraestrutura do aterro, no qual pode ser visualizado na Figura 3, inclui a impermeabilização do solo por meio da compactação e da instalação de mantas sintéticas, impedindo a infiltração do chorume e a contaminação do lençol freático. Ademais, sistemas de drenagem coletam e tratam o chorume e captam os gases provenientes da decomposição orgânica, possibilitando seu aproveitamento energético (Masterplan, 2015).

Figura 3 - Aterro Sanitário



Fonte: ASCOM SLU (2022)

#### **3.2.4 Incineração**

A incineração é um processo de tratamento térmico de resíduos sólidos que consiste na queima controlada do material em altas temperaturas, com o objetivo de reduzir seu volume e massa, além de destruir contaminantes orgânicos presentes. Esse método pode gerar energia térmica, sendo frequentemente utilizado como alternativa para disposição de resíduos de serviços de saúde e industriais. No entanto, exige sistemas eficientes de controle de emissões atmosféricas para minimizar a liberação de poluentes, como dioxinas e furanos, que podem causar sérios impactos à saúde humana e ao meio ambiente (Assis; Chagas, 2018).

#### **3.2.5 Compostagem**

A compostagem, (Figura 4), é um processo biológico de decomposição e estabilização da matéria orgânica, transformando-a em composto orgânico rico em nutrientes e passível de utilização na agricultura e na recuperação de solos degradados. O processo ocorre predominantemente sob condições aeróbias, favorecendo o desenvolvimento de temperaturas elevadas que contribuem para a redução da carga microbiana patogênica (Oliveira et al., 2008).

Figura 4 - Compostagem



Fonte: Thinkstock (2018)

### 3.2.6 Reciclagem

A reciclagem consiste na transformação de materiais descartados em novos produtos ou insumos para a indústria, reduzindo a extração de recursos naturais e os impactos ambientais associados ao descarte inadequado. O processo pode ocorrer por meio de diferentes técnicas, como a reciclagem mecânica, química e energética, dependendo do tipo de resíduo envolvido (Lomasso et al., 2015).

A reciclagem mecânica, considerada a mais comum, consiste nas etapas de moagem, lavagem, separação, secagem e extrusão dos materiais plásticos. A reciclagem química, por sua vez, converte os plásticos em substâncias químicas ou matérias-primas. Já a reciclagem energética envolve a queima dos materiais com o objetivo de gerar calor ou energia, sendo frequentemente empregada em regiões onde não há coleta adequada de plásticos, possibilitando sua transformação em combustíveis (Plástico Virtual, 2021).

A reciclagem também desempenha um papel econômico e social significativo, contribuindo para a geração de empregos diretos e indiretos, especialmente no setor de coleta seletiva e triagem de materiais (Figura 5). Além disso, possibilita a redução da emissão de gases de efeito estufa e do consumo de energia e água na produção industrial, reforçando a economia circular e a sustentabilidade ambiental.

Figura 5 – Catadores realizando a triagem de materiais recicláveis



Fonte: Chaperman (2025)

### 3.3 Reciclagem e o Papel dos Catadores

Os catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis desempenham um papel fundamental na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), com destaque para a gestão integrada dos resíduos sólidos. Sua atuação inclui atividades de coleta seletiva, triagem, classificação, processamento e comercialização dos resíduos reutilizáveis e recicláveis, contribuindo significativamente para a cadeia produtiva da reciclagem (Brasil, 2010).

A atuação dos catadores ocorre, muitas vezes, sob condições precárias de trabalho, podendo ser realizada individualmente, de forma autônoma, em lixões ou dispersa nas ruas. No entanto, também existe a atuação coletiva, por meio da organização produtiva em cooperativas e associações (Brasil, 2010).

Estima-se que existam cerca de 800 mil catadores em atividade no Brasil, sendo aproximadamente 70 % mulheres, dos quais apenas 7,5 % estão organizados em cooperativas ou associações (Brasil, 2024). Esses trabalhadores são responsáveis por cerca de 90 % de todo

o material reciclado no país, o que evidencia sua importância social, econômica e ambiental (Ipea, 2012). Atualmente, mais de 1.700 municípios brasileiros contam com estruturas de cooperativas e associações de catadores, que movimentam anualmente cerca de 1,8 milhões de toneladas de resíduos recicláveis (Brasil, 2024b).

O reconhecimento profissional da categoria se deu em 2002, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), destacando a relevância dos catadores na gestão dos resíduos e na redução da demanda por recursos naturais (Brasil, 2010).

A PNRS enfatiza a importância dos catadores ao estabelecer princípios como o "reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania" e a "responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos" (Brasil, 2010).

Ademais, a Lei Federal nº 11.445/2007 estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico e dispensa a licitação para a contratação de cooperativas e associações de catadores na prestação de serviços públicos de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos (Brasil, 2007).

Dentre as iniciativas governamentais de fortalecimento da categoria, destacam-se:

- Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis (CIISC): instituído pelo Decreto nº 7.405/2010, tem como objetivo promover a inclusão social e econômica dos catadores por meio da articulação de ações interministeriais (Brasil, 2010);
- Programa Pró-Catador: criado pelo mesmo decreto, visa fomentar a organização produtiva dos catadores, melhorar suas condições de trabalho e ampliar sua inserção na cadeia da reciclagem (Brasil, 2010);
- Projeto Cataforte: iniciativa do Programa Pró-Catador, que busca estruturar e fortalecer redes de cooperativas e associações de catadores como empreendimentos solidários (Brasil, 2013);
- Prêmio Cidade Pró-Catador: promovido pela Secretaria-geral da Presidência da República, visa reconhecer e estimular iniciativas municipais de inclusão dos catadores

na coleta seletiva (Brasil, 2013);

- Pronatec Catador: modalidade do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), que oferece cursos de qualificação profissional para catadores de materiais recicláveis (Brasil, 2014);
- Coleta Seletiva Solidária: estabelecida originalmente pelo Decreto nº 5.940/2006 (revogado pelo Decreto nº 10.936, de 12 de janeiro de 2022), determinava a separação dos resíduos recicláveis descartados por órgãos da administração pública federal e sua destinação a associações e cooperativas de catadores (Brasil, 2006).
- Bolsa Reciclagem MG: é um incentivo financeiro instituído pela Lei nº 19.823/2011 e regulamentado pelo Decreto nº 45.975/2012, voltado à remuneração dos serviços ambientais prestados por associações e cooperativas de catadores. Seu objetivo é reduzir o volume de rejeitos e os impactos ambientais, conforme diretrizes da Política Estadual de Resíduos Sólidos (Lei nº 18.031/2009). A operacionalização do programa é definida pela Deliberação COPAM nº 1/2019 (Semad, s.d.).

A atuação dos catadores é essencial para a gestão integrada dos resíduos sólidos, promovendo benefícios sociais, ambientais e econômicos. No campo social, cooperativas oferecem melhores condições de trabalho, como o uso de equipamentos de proteção, acesso a direitos trabalhistas e aumento da renda. Enquanto catadores autônomos recebem em média R\$574 mensalmente, os organizados em cooperativas chegam a receber até R\$849 por mês (Magno et al., 2021).

No aspecto econômico, as cooperativas aumentam a produtividade e geram renda, só no estado do Rio de Janeiro, por exemplo, foram gerados R\$ 34 milhões com a venda de recicláveis (Brasil, 2024).

O fortalecimento das cooperativas e associações, aliado ao apoio governamental, possibilita melhores condições de trabalho, amplia a geração de renda e reforça a inserção dos catadores na cadeia produtiva da reciclagem.

### 3.4 Associação de Catadores no Brasil

A organização de catadores e catadoras de materiais recicláveis em associações e cooperativas no Brasil é fruto de um processo histórico de resistência e luta por reconhecimento.

As associações são organizações voltadas a objetivos sociais, culturais ou filantrópicos, sem fins lucrativos e com foco no interesse coletivo. Já as cooperativas têm natureza econômica, visando atender às necessidades dos cooperados por meio da atuação conjunta no mercado, com divisão proporcional dos resultados entre os membros. Desse modo, a principal diferença entre associação e cooperativa está na finalidade e na forma de atuação (Sebrae, 2022).

No cenário brasileiro, os catadores sempre estiveram presentes de forma invisibilizada, exercendo um trabalho essencial à gestão de resíduos urbanos, ainda que marginalizados socialmente (Ipea, 2012).

A criação de associações surge como uma resposta à exclusão socioeconômica, e como forma de reivindicar direitos, melhores condições de trabalho e reconhecimento da importância ambiental e social de sua atividade.

A institucionalização da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), por meio da Lei Federal nº 12.305/2010, representou um marco fundamental na valorização da categoria, ao estabelecer como diretriz a inclusão social dos catadores por meio do incentivo à sua organização em associações e cooperativas. A lei conferiu respaldo jurídico às formas coletivas de organização da categoria e ao seu papel nos serviços de coleta seletiva e reciclagem (Adametes, 2021).

Contudo, o processo de organização coletiva antecede a legislação e está profundamente vinculado à atuação de movimentos sociais, como o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), fundado em 2001.

O MNCR nasceu do acúmulo de experiências locais, articuladas a partir do fortalecimento de redes de cooperação entre catadores, organizações não governamentais e setores da igreja, especialmente no contexto das pastorais sociais (Dias, 2002). O movimento tornou-se um instrumento importante na formulação de políticas públicas voltadas para a inclusão produtiva

dos catadores, conquistando espaços de interlocução com o Estado e promovendo a defesa da autogestão, da economia solidária e da remuneração justa pelo serviço ambiental prestado.

A autogestão, segundo Brochier et al. (2016), trata-se de um processo em que os sujeitos gerem, de forma coletiva, os meios e fins de sua prática produtiva, promovendo a autonomia e o fortalecimento das relações sociais no trabalho. Dessa maneira, a organização coletiva também tem um papel central na construção da identidade dos catadores como trabalhadores e sujeitos políticos.

Conforme Matos et al. (2012), a pertença grupal nas organizações de catadores reforça a identidade social desses trabalhadores, permitindo que compreendam sua função no contexto socioeconômico e ambiental urbano e assumam protagonismo na luta por seus direitos.

A partir da experiência associativa, os catadores passam a ocupar espaços de representação, discussão e formulação de políticas.

Dessa forma, as associações e cooperativas permitem que os catadores se reconheçam como sujeitos de direitos, rompendo com a lógica assistencialista e reafirmando o valor do trabalho que realizam para a sociedade e para o meio ambiente. Além disso, estudos mostram que, por meio da atuação coletiva, as cooperativas potencializam a inserção dos catadores nos canais de logística reversa, ampliando sua importância na mitigação de impactos ambientais (Souza; Paula; Souza-Pinto, 2024).

### **3.5 Racismo Ambiental e os Catadores**

O termo racismo ambiental consiste na distribuição desigual dos riscos ambientais, afetando desproporcionalmente comunidades vulneráveis, geralmente formadas por grupos étnico-raciais marginalizados e de baixa renda. Essa prática é caracterizada pela localização de atividades poluentes, como aterros sanitários e indústrias, em áreas habitadas por essas populações (Acselrad, 2004).

O termo ganhou destaque nos Estados Unidos durante os protestos em Warren County, Carolina do Norte, em 1982, quando comunidades negras se mobilizaram contra a instalação de um

aterro tóxico. Esse evento expôs a relação entre riscos ambientais e discriminação racial, levando à criação do termo “racismo ambiental” (Capella, 1996; Herculano, 2008).

No Brasil, o racismo ambiental é evidente na degradação de territórios indígenas, quilombolas e comunidades periféricas, perpetuando desigualdades sociais e econômicas. A necessidade de políticas públicas que garantam justiça e equidade ambiental é fundamental para enfrentar essa forma de discriminação (Porto, 2007; Acselrad, 2004).

Como aponta Adametes (2021), o trabalho dos catadores é historicamente racializado e desvalorizado, sendo exercido majoritariamente por pessoas negras e pobres, o que exige que a luta por melhores condições esteja articulada a uma luta mais ampla por justiça ambiental e racial. Esse processo é também um enfrentamento direto ao racismo ambiental, que se manifesta na naturalização da precariedade das condições de trabalho, na exclusão dos espaços de decisão e na falta de reconhecimento social.

Essa desigualdade estrutural faz com que determinados territórios e corpos sejam sistematicamente expostos à degradação ambiental, à ausência de infraestrutura básica e à invisibilidade. Como destacam Monteiro et al. (2023), os grupos historicamente excluídos, sobretudo a população negra e periférica, acumulam não apenas os maiores riscos ambientais, mas também as menores oportunidades de participação nas decisões que moldam suas realidades.

Nesse sentido, o racismo ambiental também se expressa na invisibilização do valor social e ambiental do trabalho desses sujeitos. Lustosa (2023) aponta que essa precarização é parte de um ciclo de exploração que atravessa as dimensões ambiental, econômica e racial, naturalizando a marginalização como se fosse uma condição inevitável.

Pontes, Ferreira e Teodósio (2024) reforçam que essa estrutura de exclusão opera como um dispositivo de silenciamento político, esvaziando as possibilidades de transformação. Assim, a luta contra o racismo ambiental exige, além do enfrentamento à desigualdade ecológica, o reconhecimento das práticas e saberes dos grupos afetados como legítimos e fundamentais para a construção de justiça social e ambiental.

### 3.6 Carolina Maria de Jesus

Na literatura brasileira, Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, retrata a realidade dos catadores por meio da escrita das suas vivências em seu diário e segue bastante atual. A autora (Figura 6) trabalhou como empregada doméstica, mas, depois de um tempo, começou a sustentar a família como catadora de papéis e outros tipos de resíduos para sobreviver, sendo essa a sua única fonte de renda.

Figura 6 - Carolina Maria de Jesus



Fonte: Arquivo Nacional (1960)

Carolina, em sua obra, descreve a precariedade vivida por populações marginalizadas, ressaltando como a pobreza é deslocada para a invisibilidade urbana. Seus relatos evidenciam que essas populações, embora fundamentais para a dinâmica das cidades, são relegadas a áreas periféricas e constantemente estigmatizadas.

A trajetória de resistência e luta por direitos dos catadores de materiais recicláveis no Brasil está enraizada e interligada nas dinâmicas de exclusão social e econômica que marcaram a história das populações marginalizadas. Carolina, enquanto catadora e escritora, expõe a precariedade das políticas públicas e o descaso com as populações periféricas, além de dar voz às mulheres negras que, muitas vezes, carregam o peso das opressões interseccionais de raça, gênero e classe (Oliveira; Wanderley, 2022).

Entre barracos de madeira, esgoto a céu aberto, falta de água e lixo espalhado pelas vielas, a autora escancara como o ambiente em que vive está diretamente ligado à desigualdade social. A precariedade das condições de moradia, o acúmulo de resíduos e a constante exposição a doenças mostram como o espaço urbano é dividido de forma injusta.

Carolina também revela, mesmo sem usar esse nome, o papel invisível que exerce na gestão ambiental da cidade. Ao catar papel para sobreviver, ela contribui com a reciclagem dos resíduos produzidos por uma cidade que a rejeita.

O livro, portanto, permite enxergar que as questões ambientais não estão separadas das questões sociais, e que cuidar do meio ambiente também passa por reconhecer e valorizar a vida de quem o habita em condições tão desiguais.

A obra de Carolina serve como base para interpretar as lutas dos catadores que, assim como a autora, ocupam posições socialmente desvalorizadas, mas desempenham um papel fundamental na sustentabilidade urbana e na economia circular. Organizados em cooperativas e movimentos sociais, os catadores têm buscado transformar o estigma associado à sua profissão, reivindicando direitos trabalhistas, acesso a políticas públicas e inclusão no sistema formal de gestão de resíduos sólidos (Oliveira; Wanderley, 2022).

### **3.7 Bairro Barro Preto: Transformações Urbanas e Trabalhadores Informais**

O Barro Preto, bairro central de Belo Horizonte, começou sua história em 1909, quando a prefeitura criou o Bairro Operário para reassentar trabalhadores despejados das margens dos córregos do Leitão e da Barroca. Com o tempo, o bairro passou por grandes mudanças, especialmente a partir da década de 1930, quando se transformou em uma área industrial. Isso

fez com que muitos operários se mudassem para bairros mais afastados do centro (Arreguy; Ribeiro, 2008).

Ao longo das décadas seguintes, o Barro Preto se desenvolveu e se destacou como um importante polo comercial, principalmente no setor da moda. Permanece nos tempos atuais a sua importância nesse setor e o impacto socioeconômico que causou na cidade de Belo Horizonte.

Historicamente, a concentração do setor da moda no Barro Preto atraiu confecções e lojas, o que impulsionou a urbanização e a valorização do bairro. Além disso, ele ganhou infraestrutura urbana consolidada e se tornou conhecido por marcos como a Praça Raul Soares e a Igreja de São Sebastião, que fica localizada em uma das principais avenidas do bairro, a Augusto de Lima (Barros; Leite, 2023).

Atualmente, o bairro é reconhecido não apenas pela força econômica, mas também por sua história e sua relação com a cidade. Esse contexto é importante para entender como o Barro Preto se tornou um espaço significativo em Belo Horizonte, com destaque para iniciativas de impacto social e ambiental, como a atuação e o ponto de localização da ASMARE na região.

Além disso, o bairro Barro Preto abriga diversas instituições de apoio social, como o Centro Pop Centro-Sul, os Restaurantes Populares e unidades de saúde, que oferecem serviços básicos, suporte alimentar, encaminhamento para serviços de proteção e assistência social.

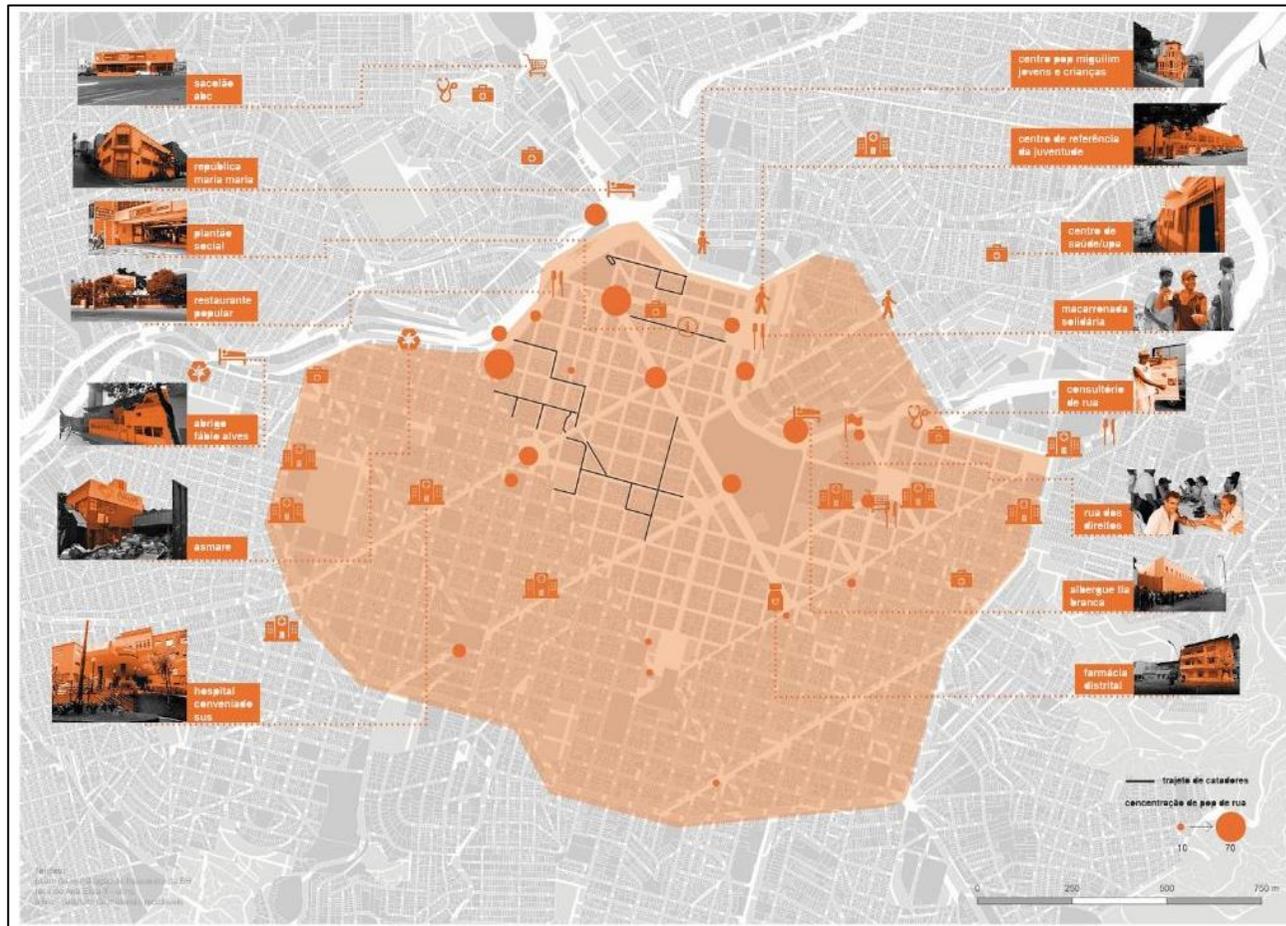
Essas instalações são estrategicamente distribuídas para atender a população em situação de vulnerabilidade, contribuindo para a política municipal de acolhimento e reinserção social (Belo Horizonte, s.d.). A presença dessas instituições reforça a dinâmica urbana do bairro, integrando funções residenciais, comerciais e assistenciais, e criando sinergias com o trabalho dos catadores de materiais recicláveis.

As atividades de coleta realizadas pelos catadores são organizadas em rotas que abrangem as principais vias do bairro, conectando áreas comerciais e residenciais aos pontos de apoio mencionados anteriormente. Essas rotas são fundamentais para a eficiência do trabalho da ASMARE, permitindo uma logística integrada e uma melhor gestão dos resíduos recicláveis.

Conforme apontado por Góis et al. (2017), a coleta seletiva realizada por catadores em áreas urbanas centrais garante maior aproveitamento dos resíduos, reduz custos públicos com limpeza urbana e amplia os índices de reciclagem, além de fortalecer as redes locais de economia solidária.

Na Figura 7, observa-se o mapa realizado pelo Territórios Populares (s.d.), que apresenta a localização desses pontos de apoio e as rotas percorridas pelos catadores no bairro Barro Preto, destacando a distribuição espacial dos serviços e a concentração das atividades de coleta.

Figura 7 - Principais pontos de apoio e rotas percorridas pelos catadores no bairro Barro Preto



Fonte: Territórios Populares (s.d.)

### 3.8 ASMARE em BH: Estudo de Caso

A Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis (ASMARE) foi fundada em 1º de maio de 1990, resultado da mobilização de catadores que atuavam na região central de Belo Horizonte, com o apoio da Pastoral de Rua. Nesse contexto, os catadores enfrentavam diversos desafios, como a falta de reconhecimento social e a inexistência de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de suas atividades (Territórios Populares, s.d.).

Por meio de negociações com a prefeitura, o grupo de catadores obteve a cessão de um galpão localizado no bairro Barro Preto. Essa conquista representou um marco para a regularização de suas atividades e para o fortalecimento de sua organização (Territórios Populares, s.d.).

A ASMARE, como outras associações, estruturou-se como uma associação autogerida, onde os catadores têm voz ativa na administração do trabalho e foco no interesse coletivo. Suas atividades incluem a coleta e triagem de resíduos, com parcerias que envolvem empresas, escolas e instituições públicas, além de programas educacionais sobre reciclagem e sustentabilidade (Sousa, 2018; Territórios Populares, s.d.).

Na Figura 8, têm-se a localização das duas unidades da ASMARE: a Unidade I, situada na Avenida do Contorno, no bairro Barro Preto, e a Unidade II, localizada na Rua Ituiutaba, no Prado.

Figura 8 - Mapa de Localização das Unidades da ASMARE



Fonte: Autoria Própria (2025)

Essas unidades são responsáveis por coletar e processar uma significativa quantidade de resíduos recicláveis, contribuindo para a redução do impacto ambiental da cidade e para a geração de renda para seus membros. No Carnaval de Belo Horizonte, em 2024, a ASMARE e outras cooperativas envolvidas mobilizaram mais de 400 catadores e recolheram 45,3 toneladas de material reciclável, incluindo 10,6 t de alumínio, 28,1 t de plástico e 6,5 t de papelão, fortalecendo a economia solidária e a limpeza urbana (SEMAD, 2024).

## **4 METODOLOGIA**

A metodologia deste estudo adota abordagem qualitativa, embasada em pesquisa bibliográfica, documental e de campo, visando compreender as dimensões históricas, socioeconômicas e ambientais relacionadas à ASMARE e sua atuação no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte.

### **4.1.1 Investigação do contexto histórico e econômico da associação**

Para investigar o contexto histórico e socioeconômico da criação da ASMARE, foi realizado um levantamento em fontes bibliográficas e documentais, incluindo registros oficiais da associação, reportagens de época, legislações pertinentes e publicações acadêmicas que abordassem sua fundação e trajetória.

Esse levantamento foi organizado cronologicamente, buscando compreender os marcos históricos, as motivações sociais e as condições políticas e econômicas que levaram à criação da associação. A análise foi guiada por uma perspectiva crítica, que considera como fatores como a vulnerabilidade social e a exclusão urbana influenciaram diretamente a formação e o desenvolvimento da ASMARE.

Além disso, com base no estudo, foi realizada uma análise das práticas atuais desenvolvidas pela associação, considerando a sua presença em eventos públicos e ações de mobilização sociopolítica, a partir da coleta e sistematização de materiais institucionais recentes — como relatórios de atividades, planos de trabalho e postagens em redes sociais —, bem como projetos em execução e parcerias estabelecidas com o poder público ou com organizações da sociedade civil.

Esse levantamento permitiu identificar como a ASMARE atua na promoção da inclusão social por meio do gerenciamento de resíduos e de que maneira questões como o acesso a cidadania e o enfrentamento a exclusão urbana se articulam no cotidiano das suas ações e desenvolvimento da associação.

#### **4.1.2 Identificação das principais características dos(as) associados(as) da ASMARE**

No que diz respeito à identificar as principais características dos(as) catadores(as) associados(as) da ASMARE, foram analisados dados estatísticos e históricos disponíveis, tais como o do Relatório de Ações de Inclusão Produtiva – Centro de Apoio ao Trabalhador da ASMARE (2013) e dados obtidos diretamente com a administração da associação, com destaque para os anos de 2013 e 2023.

A escolha desses anos como marcos de análise está motivada pelo intervalo de uma década entre o relatório anteriormente citado e o ano de 2023, permitindo a identificação e a avaliação das transformações ocorridas ao longo desse período.

O levantamento buscou mensurar as mudanças no impacto socioeconômico da associação, considerando indicadores relacionados à reciclagem e inclusão socioeconômica de seus membros.

Pesquisas como a de Coelho et al. (2016) e Ferreira (2019) demonstram que essas atividades são frequentemente ocupadas por mulheres em situação de vulnerabilidade social, que encontram na catação uma alternativa de subsistência diante das barreiras impostas pelo mercado formal de trabalho. Tais estudos também apontam que, mesmo diante de condições precárias e da divisão sexual do trabalho, essas mulheres exercem um papel fundamental tanto na manutenção da sustentabilidade urbana quanto na articulação política por direitos e reconhecimento.

Assim, os dados mais recentes foram solicitados junto à equipe administrativa da ASMARE, buscando acessar registros sobre número de associados(as), renda média, perfil etário, escolaridade e outros indicadores relevantes.

A partir dessas informações, foram realizados cálculos comparativos e análises estatísticas descritivas que possibilitaram mensurar as mudanças no impacto socioeconômico dos(as) catadores(as) da associação.

#### **4.1.3 Análise da trajetória de resistência e luta por direitos da ASMARE**

Para analisar a trajetória de resistência e luta por direitos dos catadores da ASMARE, foi utilizado o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, como uma fonte de referência sobre a vivência e marginalização social. A obra, que narra as dificuldades enfrentadas pela autora enquanto moradora da favela, foi analisada sob a perspectiva do racismo ambiental e da exclusão social, considerando como essas questões também se manifestam nas histórias dos catadores da ASMARE.

A análise foi centrada na forma como os catadores da ASMARE, assim como a própria Carolina Maria de Jesus, resistem e lutam por dignidade em um contexto de negligência social e ambiental. Para aprofundar essa abordagem, foram utilizadas também falas extraídas da pesquisa qualitativa publicada por Sousa et al. (2019), que analisa a história e o cotidiano da ASMARE por meio dos relatos de seus associados, além de outras referências bibliográficas relacionadas ao tema. Essas fontes complementares contribuíram para ampliar a compreensão sobre as estratégias de resistência e os sentidos atribuídos ao trabalho por parte dos catadores, reforçando a dimensão histórica e política da sua atuação.

A metodologia adotada foi a observação não participante, com dados coletados por meio de diários de visita. Essa técnica consistiu no acompanhamento das atividades e interações no ambiente da ASMARE, sem a participação ativa nas ações cotidianas da associação, mas com presença e registro das práticas, discursos e dinâmicas sociais observadas. A observação não participante foi conduzida com base nos princípios metodológicos discutidos por Oliveira e Gohn (2019), que defendem a relevância dessa abordagem para pesquisas de cunho qualitativo em contextos sociais complexos.

A coleta dos dados ocorreu em encontros com a equipe administrativa da ASMARE no galpão localizado no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte. Foram realizadas seis visitas entre os

meses de novembro de 2024 e maio de 2025, nos dias 12/11/2024, 27/02/2025, 20/03/2025, 08/04/2025, 12/05/2025 e 15/05/2025.

A primeira visita, em 12 de novembro de 2024, teve caráter exploratório, com o objetivo de apresentar à equipe administrativa da ASMARE a proposta do trabalho, verificar a viabilidade de sua realização e identificar eventuais exigências documentais ou impedimentos. Em um segundo momento, no dia 27 de fevereiro de 2025, foi realizada uma nova tentativa de visita. No entanto, devido à ausência da equipe administrativa e à preparação para atividades relacionadas ao carnaval, o contato não pôde ser aprofundado.

A terceira visita, em 20 de março de 2025, possibilitou a apresentação mais detalhada dos objetivos da pesquisa à equipe da associação, bem como o refletir sobre a condução do trabalho. Já na visita de 8 de abril de 2025, foi realizado um tour pelo galpão do Barro Preto, com interação direta com os(as) catadores(as) e permanência prolongada na associação (aproximadamente 4 horas), além da realização de uma reunião para coletar os dados para a caracterização dos(as) trabalhadores(as) associados(as) à ASMARE.

A visita seguinte, em 12 de maio de 2025, teve como foco a apresentação parcial dos resultados, esclarecimento de dúvidas surgidas no processo de análise e complementação de informações pendentes. A última visita ocorreu em 15 de maio de 2025, com o objetivo de reforçar o vínculo com a associação e dialogar com novos(as) catadores(as) presentes no local.

Todos os encontros foram previamente agendados e acompanhados por integrantes da equipe administrativa da ASMARE. Como instrumento complementar, foi utilizado um “*Diário de Visita*”, no qual foram registrados aspectos vivenciados em cada encontro, impressões pessoais, interações observadas, sentimentos despertados e registros fotográficos da parte externa da associação, contribuindo para a reflexão crítica sobre o processo de pesquisa e para a construção de uma narrativa comprometida com a escuta e o diálogo.

Não foram realizados registros fotográficos no interior do galpão, em respeito a uma fala da equipe administrativa sobre experiências anteriores com pesquisadores que agiram de forma invasiva durante suas pesquisas. Essa postura buscou preservar a privacidade dos(as) catadores(as) e reforçar o compromisso ético com a pesquisa social.

Por fim, as experiências dos(as) catadores(as) da ASMARE foram analisadas com o objetivo de compreender as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais presentes no cotidiano da associação. Os dados foram construídos a partir dos registros no Diário de Visita, produzidos durante os momentos de observação no campo, e complementados por trechos de falas presentes na pesquisa de Sousa et al. (2019).

As informações coletadas foram examinadas com base na metodologia de observação não participante, articuladas às contribuições teóricas e empíricas de estudos anteriores, possibilitando estabelecer conexões entre as vivências observadas no campo e os relatos de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Contexto histórico e socioeconômico da ASMARE

A constituição da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE), em Belo Horizonte, está inserida em um contexto amplo de transformações urbanas, sociais e econômicas que afetaram diretamente populações marginalizadas e em situação de vulnerabilidade. A análise desse processo exige uma abordagem crítica e cronológica que articule os fatores históricos e estruturais que impulsionaram a organização dos catadores de materiais recicláveis em torno de um coletivo formalizado.

A ASMARE surge em 1990, um período marcado pela intensificação das desigualdades sociais nas grandes cidades brasileiras, decorrentes, em parte, das políticas neoliberais que resultaram em desemprego estrutural, precarização do trabalho e aumento da informalidade. Nesse contexto, a coleta de materiais recicláveis tornou-se uma atividade de sobrevivência para inúmeras famílias que, excluídas dos sistemas formais de trabalho, buscaram nas ruas e nos lixões uma forma de sustento (Santos; Silva, 2014).

A informalidade, embora marginalizada pelo poder público, representou para muitos sujeitos uma estratégia legítima de sobrevivência. Porém, tal atividade foi durante muito tempo marcada pela invisibilidade e pelo estigma social. A figura do catador, associada à sujeira e ao abandono, ilustra a dimensão simbólica da exclusão urbana (Vieira et al., 2019).

A cidade de Belo Horizonte não foi exceção. Como capital de um estado industrializado e urbanizado, vivenciou nos anos 1980 e 1990 um acúmulo significativo de resíduos sólidos urbanos, ao mesmo tempo em que crescia o número de pessoas vivendo em situação de rua ou em habitações precárias. Nesse ambiente, surgiram os primeiros grupos organizados de catadores, impulsionados por lideranças locais e por iniciativas da sociedade civil (Vieira et al., 2019).

É nesse contexto que emerge a ASMARE, inicialmente como um movimento espontâneo de trabalhadores marginalizados que buscavam formas de resistência e sobrevivência. A formalização da associação foi impulsionada por articulações entre catadores e agentes externos, como a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, pesquisadores da

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e organizações da sociedade civil. Essas redes de apoio foram fundamentais para o processo de auto-organização dos catadores e para a construção de uma identidade coletiva (Vieira; Santos, 2019).

A formalização da ASMARE, porém, não representou um ponto de chegada, mas o início de uma trajetória complexa de afirmação social. A associação buscava, desde o início, garantir direitos básicos aos seus associados, como acesso à alimentação, moradia, saúde e escolaridade, além de condições dignas de trabalho. Tais demandas, por sua vez, esbarravam em uma estrutura de exclusão social historicamente consolidada (Santos; Silva, 2014).

O processo de institucionalização da ASMARE não apenas garantiu melhores condições de trabalho e renda, como também promoveu um deslocamento simbólico da figura do catador na sociedade. A partir da organização coletiva, esses trabalhadores passaram a se reconhecer – e a serem reconhecidos – como agentes ambientais, com um papel essencial na cadeia de reciclagem e na promoção da sustentabilidade urbana. Esse reconhecimento culminou, anos depois, na inclusão da atividade de catador como ocupação formal na CBO (Brasil, 2002).

A exclusão urbana é aqui compreendida como o processo pelo qual determinados grupos são sistematicamente excluídos do acesso aos bens e serviços básicos da cidade, incluindo saneamento, moradia, mobilidade e oportunidades de trabalho.

A atuação da ASMARE também se deu em meio a disputas políticas sobre o papel dos catadores na cadeia produtiva da reciclagem. Em um mercado historicamente dominado por atravessadores e empresas de grande porte, os trabalhadores organizados enfrentavam a dupla condição de produtores de valor e sujeitos estigmatizados. Sua luta era, portanto, tanto por inclusão econômica quanto por reconhecimento simbólico.

Estudos como os de Pacheco e Mattos (2010) evidenciam que a criação da ASMARE está profundamente vinculada ao processo de construção de cidadania substantiva. Ela está relacionada com direitos sociais, políticos e civis e se concretiza no cotidiano, na possibilidade de acessar políticas públicas, participar de decisões coletivas e ter a própria identidade valorizada (Santos; Silva, 2014).

Para além do acesso a documentos e direitos legais, a associação oferecia a possibilidade de participação política, fortalecimento de vínculos comunitários e construção de identidades positivas. Esse aspecto é fundamental para compreender a resiliência da organização diante das adversidades.

Com o advento da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei Federal n.º 12.305/2010), os catadores passaram a ser reconhecidos como agentes prioritários na cadeia da reciclagem. Essa legislação, embora tardia, representou um avanço institucional para organizações como a ASMARE, que passaram a ter maior acesso a políticas públicas, editais e parcerias com o setor público. No entanto, os desafios relativos à infraestrutura, à segurança, à valorização do trabalho e à concorrência com empresas privadas ainda persistem (Brasil, 2010).

Além disso, a atuação da ASMARE se insere no campo das políticas públicas. A partir dos anos 2000, com o fortalecimento do debate sobre inclusão produtiva e economia solidária, a associação passou a dialogar com diferentes esferas do poder público, buscando estabelecer parcerias, acessar editais e influenciar políticas voltadas à gestão de resíduos e à valorização do trabalho dos catadores. Segundo Gaiger (2004), tais experiências são fundamentais para a democratização da economia e para a valorização de populações historicamente excluídas.

Entretanto, os desafios persistem. A precariedade das condições de trabalho, a falta de infraestrutura adequada, a violência urbana e a competição com empresas privadas continuam sendo obstáculos para a consolidação de uma atuação plenamente sustentável e inclusiva.

Em anos recentes, a ASMARE tem buscado se reinventar, incorporando novas práticas e parcerias. Os relatórios institucionais e postagens em redes sociais demonstram o esforço contínuo de promover ações de formação, campanhas de conscientização ambiental, articulação com escolas e universidades, além da participação ativa em redes de associações.

Essas práticas indicam um amadurecimento institucional da associação, que passa a exercer um papel político mais amplo, para além da coleta e venda de materiais recicláveis. A ASMARE atua hoje como um agente de transformação social, promovendo a cidadania e enfrentando, com resistência, os processos históricos de exclusão.

Do ponto de vista socioeconômico, a ASMARE opera como uma economia alternativa, baseada em princípios de solidariedade, autogestão e redistribuição. Embora enfrente pressões do mercado e do poder público, busca manter sua autonomia e fortalecer os vínculos comunitários (Fórum Lixo e Cidadania, 2019).

Outro aspecto central na história da ASMARE é o protagonismo feminino. Historicamente invisibilizadas no mundo do trabalho e ainda mais marginalizadas na catação, as mulheres encontraram na associação um espaço de reconstrução de suas trajetórias, de empoderamento e de ocupação de cargos de liderança. A pesquisa de Lima (2012) demonstra que a ASMARE tem exercido um papel relevante na valorização do trabalho feminino e na superação das desigualdades de gênero.

A autora aponta que a associação contribui para a superação de desigualdades de gênero ao proporcionar às mulheres catadoras visibilidade, autonomia e acesso a espaços de decisão historicamente negados a elas. Essa valorização é reforçada pelo protagonismo feminino em diversas atividades da associação, refletindo um avanço significativo na luta por equidade no contexto da economia popular solidária (Lima, 2012).

A experiência da ASMARE, por fim, permite refletir sobre a importância das organizações comunitárias na construção de cidades mais justas e inclusivas. Sua trajetória demonstra que, mesmo em contextos marcados pela desigualdade e pela exclusão, é possível construir alternativas concretas de inclusão social e justiça socioambiental por meio da mobilização popular e do fortalecimento de iniciativas locais.

Assim, investigar o contexto histórico e socioeconômico de sua criação é também um ato de valorização dessas trajetórias e de denúncia das desigualdades estruturais que ainda marcam o cotidiano de milhares de trabalhadores e trabalhadoras em todo o Brasil.

A própria noção de resíduo, que antes era vista como algo descartável, passa a ser ressignificada pela prática dos catadores. Eles demonstram, na prática, que não existem "lixos humanos", mas sim sujeitos sociais historicamente marginalizados, cuja dignidade pode ser reconstruída por meio do trabalho e da organização coletiva.

O reconhecimento da ASMARE como uma referência nacional na luta dos catadores é resultado direto de sua trajetória de resistência, solidariedade e persistência. Atualmente, a associação conta com cerca de 140 a 180 associados, e já integrou centenas de pessoas em situação de rua ao trabalho e à cidadania. Relatos como o de uma catadora que afirma ter conquistado sua casa própria e criado os filhos com o sustento vindo da reciclagem ilustram esse impacto (Silva; Mello, 2019).

Além disso, a ASMARE processa cerca de 3.429 toneladas de recicláveis por ano, gerando uma média de R\$ 700 a R\$ 1.075 por catador por mês, valor que, embora modesto, representa dignidade e autonomia para sujeitos historicamente excluídos (Abreu; Soares, 2014).

## **5.2 Identificação das principais características dos(as) catadores(as) associados**

É nesse marco que se insere a presente análise, cujo objetivo é identificar e discutir as principais características dos catadores atualmente vinculados à ASMARE, por meio do cruzamento entre dados históricos e informações recentes.

A seguir, são apresentados e discutidos os dados obtidos, com ênfase em aspectos como escolaridade, renda, faixa etária, acesso a benefícios sociais e participação nos projetos da ASMARE. Para além da caracterização estatística, a análise busca evidenciar o impacto socioeconômico da reciclagem para os membros da associação, considerando a importância ambiental e social da atuação dos catadores.

Sendo assim, os dados de 2013 oriundos Relatório de Ações de Inclusão Produtiva - Centro de Apoio ao Trabalhador da ASMARE elaborado pelo MNCR, foram comparados aos dados atualizados dos anos de 2024 e 2025, com o objetivo de identificar mudanças, permanências e desafios enfrentados pelos catadores.

- **Quantidade de Catadores Associados**

Em 2013, a ASMARE contava com um total de 180 catadores, número que incluía associados diretos e indiretos. Os associados diretos eram aqueles formalmente vinculados à associação, com participação ativa nas decisões e na rotina da cooperativa, enquanto os indiretos correspondiam a trabalhadores que atuavam de maneira mais autônoma ou eventual, mas ainda

mantinham algum tipo de vínculo com a instituição. Essa contagem foi feita com base em dados do mês de setembro daquele ano e englobava trabalhadores dos dois principais galpões da instituição: Galpão do Barro Preto e Galpão do Prado.

Os dados mais recentes, levantados em fevereiro de 2024 pela equipe administrativa da ASMARE, indicam uma diminuição no número de catadores ativos. Atualmente, estima-se que cerca de 120 pessoas estejam vinculadas à associação, considerando também os dois galpões principais (Barro Preto e Prado).

Segundo informações da Administração da associação, essa redução numérica, no entanto, deve considerar a alta rotatividade entre os trabalhadores. Muitos dos catadores que ingressam na associação não permanecem por longos períodos, seja por dificuldades pessoais, questões relacionadas à saúde, mudanças de residência ou pela busca por outras formas de geração de renda (ASMARE, 2025).

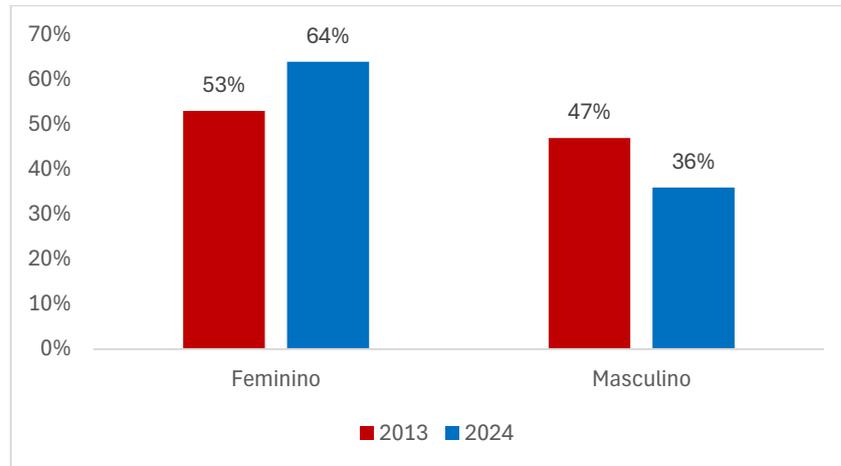
Além disso, há aqueles que mantêm vínculos mais informais, frequentando os galpões de maneira esporádica ou apenas para a entrega pontual de materiais recicláveis, sem se formalizarem como associados fixos (ASMARE, 2025).

Essa dinâmica de entrada e saída constante de pessoas torna difícil estabelecer um número exato de associados. O que se observa é um fluxo contínuo de trabalhadores que buscam na ASMARE uma oportunidade de trabalho, inclusão social e acesso a serviços básicos, como fornecimento de alimentação e ações de saúde preventiva que, por diferentes razões, não permanecem vinculados de forma estável à associação (ASMARE, 2025; Lima, 2012).

- **Gênero**

Conforme demonstrado na Figura 9, a distribuição por gênero entre os catadores vinculados à ASMARE também apresentou mudanças relevantes ao longo do tempo.

Figura 9 - Gráfico comparativo de gênero associados à ASMARE (2013 - 2024)



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

Em 2013, os dados apontavam uma leve predominância feminina: 53% dos trabalhadores eram mulheres, enquanto 47% se identificavam como homens.

No entanto, ao analisar os dados atualizados de fevereiro de 2024, observa-se um aumento expressivo da participação feminina, que passou a representar 64% do total de catadores, em contraste com 36% de homens.

Esse dado reflete uma tendência já identificada por Coelho et al. (2016) e Ferreira (2019), em estudos sobre a economia popular urbana: a presença majoritária de mulheres em atividades informais de base comunitária, especialmente aquelas voltadas ao cuidado com o ambiente, como é o caso da coleta seletiva e da triagem de recicláveis.

A maior participação das mulheres na ASMARE pode ser atribuída a diferentes fatores, incluindo a busca por autonomia financeira, a flexibilidade do trabalho autogerido e a possibilidade de conciliação com responsabilidades familiares, como o cuidado com filhos e outros dependentes. Além disso, muitas dessas mulheres encontram na associação uma rede de apoio social que contribui para o fortalecimento de vínculos comunitários e para a superação de trajetórias de vulnerabilidade.

Segundo Braga (2015) e Nascimento (2018), ao se organizarem em associações ou cooperativas, as catadoras não apenas acessam melhores condições de trabalho, mas também

constroem espaços de solidariedade e pertencimento. Por exemplo, pesquisa realizada por Nascimento (2018) com mulheres catadoras em Natal/RN revelou que a associação proporcionava um ambiente de apoio mútuo, onde as trabalhadoras compartilhavam experiências, fortaleciam laços comunitários e desenvolviam estratégias coletivas para enfrentar desafios sociais e econômicos.

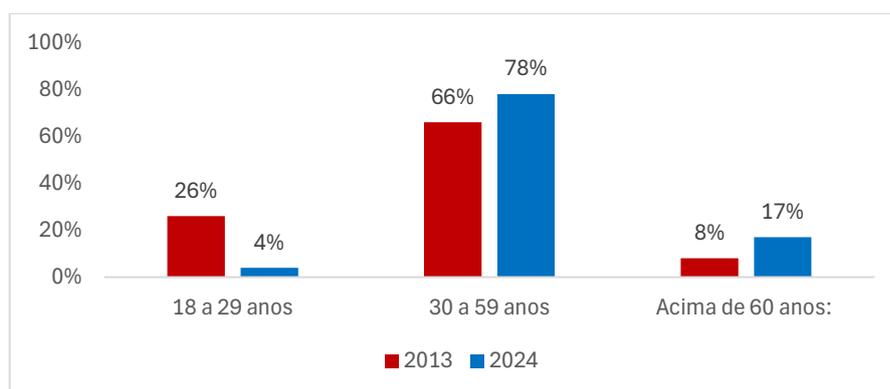
Da mesma forma, estudo de Braga (2015) destacou que as redes sociais formadas dentro das associações desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar e na redução da vulnerabilidade social dessas mulheres, oferecendo suporte emocional e prático em suas trajetórias de vida.

Portanto, o aumento da presença feminina na ASMARE não apenas atualiza os dados anteriores, como também reforça a importância de se pensar políticas públicas e estratégias institucionais com recorte de gênero, reconhecendo as especificidades das mulheres catadoras e fortalecendo sua participação nos espaços de decisão.

- **Idade**

A comparação entre os anos de 2013 e 2024 revela uma mudança importante no perfil etário dos catadores associados à ASMARE como pode ser verificado na Figura 10.

Figura 10 - Gráfico perfil etário dos catadores associados à ASMARE (2013-2024)



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

Em 2013, a maioria dos trabalhadores estava na faixa dos 30 a 59 anos (66%), seguidos por jovens de 18 a 29 anos (26%), e apenas 8% tinham mais de 60 anos.

Já em 2024, os dados apontam para um envelhecimento da base de trabalhadores: 78% estão entre 30 e 59 anos, enquanto os jovens de 18 a 29 anos representam apenas 4%. O número de trabalhadores com mais de 60 anos aumentou para 17%, o que representa mais do que o dobro do percentual anterior.

Essa mudança pode indicar uma redução na entrada de jovens na atividade de coleta seletiva, seja por mudanças no mercado informal, seja por políticas públicas voltadas à juventude ou maior acesso a outras formas de trabalho.

Por outro lado, o aumento do número de idosos na atividade aponta para a necessidade de condições de trabalho mais adequadas, considerando as limitações físicas dessa faixa etária e a importância de ações voltadas à saúde do trabalhador, à aposentadoria e ao envelhecimento digno.

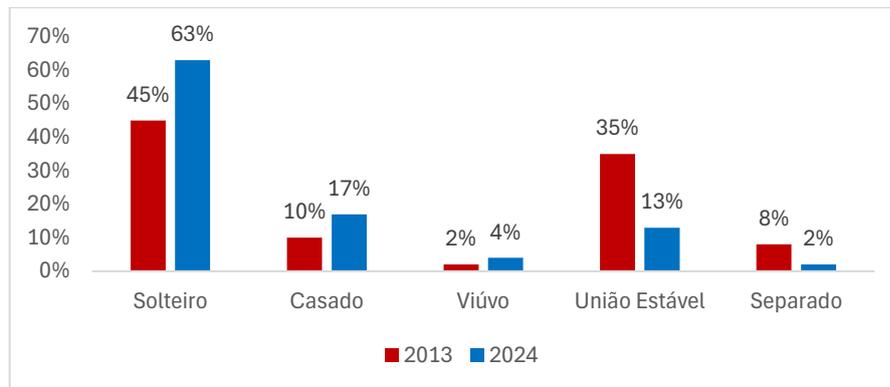
Estudos como o de Cockell (2014) demonstram que, devido à insuficiência das aposentadorias e à necessidade de complementar a renda familiar, muitos idosos retornam ao mercado de trabalho, frequentemente em atividades informais e precárias, como a catação de materiais recicláveis.

Essa realidade evidencia a urgência de políticas públicas que promovam a inclusão social e laboral desse grupo, garantindo condições de trabalho adequadas e respeitando suas especificidades.

- **Estado Civil**

Conforme Figura 11, a análise do estado civil dos catadores ao longo do tempo revela transformações no perfil familiar e nas configurações afetivas desses trabalhadores.

Figura 11 - Gráfico Estado Civil



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

Em 2013, os dados mostravam que 45% dos associados eram solteiros, número que cresceu significativamente em 2024, atingindo 63%. Esse aumento pode estar relacionado tanto ao envelhecimento da base de trabalhadores (conforme demonstrado na análise etária anterior) quanto a aspectos de vulnerabilidade social, que impactam diretamente as possibilidades de constituição de núcleos familiares estáveis.

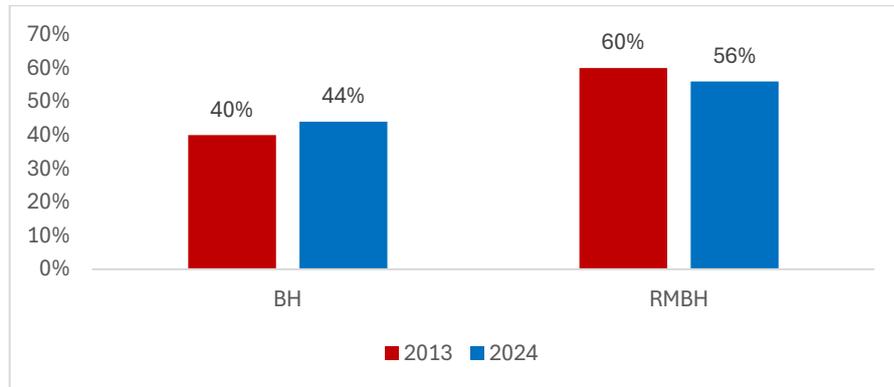
A categoria “união estável”, que representava 35% em 2013, caiu para 13% em 2024, o que também reforça uma possível tendência à redução das relações afetivas formais ou à maior dificuldade de mantê-las diante das condições de vida.

Outro dado relevante é o aumento do percentual de casados (de 10% para 17%) e de viúvos (de 2% para 4%), ainda que em proporções menores. Já o número de separados caiu de 8% para 2%, o que pode indicar, entre outras coisas, mudanças nos modos de autodeclaração dos vínculos afetivos por parte dos associados.

- **Município de Residência**

A análise do município de residência dos catadores associados à ASMARE permite compreender a distribuição territorial dos trabalhadores e como ela se relaciona com os deslocamentos diários para o trabalho.

Figura 12 - Gráfico Município de Residência dos catadores associados à ASMARE



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

Em 2013, o relatório indicava que 40% dos catadores residiam em Belo Horizonte, enquanto 60% moravam em outros municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

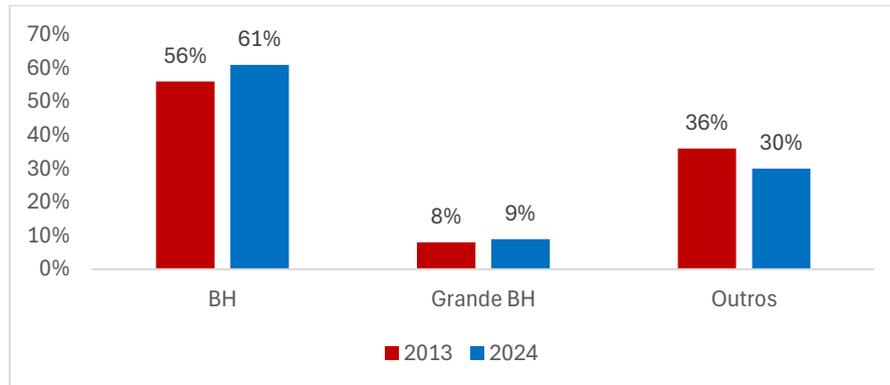
Na atualização realizada em fevereiro de 2024, observa-se uma leve mudança nesse padrão: 44% dos catadores declararam residir em Belo Horizonte, enquanto 56% continuam vindo de cidades da RMBH conforme pode ser observado na Figura 12.

Essa leve elevação do percentual de moradores da capital pode estar relacionada a fatores como maior acesso ao transporte público, a programas de habitação social ou ainda a uma busca por proximidade com o local de trabalho diante do aumento dos custos com deslocamento.

A presença majoritária de trabalhadores vindos da RMBH também evidencia a centralidade da ASMARE no acolhimento de populações vulneráveis de toda a região metropolitana, o que demanda atenção especial quanto à oferta de políticas públicas que integrem mobilidade urbana, assistência social e condições dignas de trabalho.

- **Município de Nascimento**

Figura 13 - Gráfico Município de Nascimento dos catadores associados à ASMARE



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

Em relação ao município de nascimento dos catadores, os dados de 2013 mostravam que 56% nasceram em Belo Horizonte, 8% na Grande BH, e 36% em outros municípios, o que já indicava uma diversidade de origens.

Em 2024, a proporção de nascidos em Belo Horizonte subiu para 61%, enquanto a Grande BH passou a representar 9% e os demais municípios, 30%, sendo essa relação expressa na Figura 13.

A presença significativa de pessoas nascidas fora da capital sugere um fluxo migratório contínuo em direção a Belo Horizonte, onde os trabalhadores buscam melhores oportunidades, muitas vezes em ocupações informais, como a catação de recicláveis. Esse movimento está relacionado à dinâmica de exclusão urbana e precarização ambiental, pois, segundo Honorato (2014), há uma forte relação entre migração rural-urbana e inserção em atividades com baixo valor socioeconômico.

Esse dado reforça a ideia de que a ASMARE funciona não apenas como um local de trabalho, mas também como um espaço de acolhimento para populações migrantes e urbanas em situação de vulnerabilidade, o que confere à associação um papel social estratégico na metrópole.

Por exemplo, Jacobi e Teixeira (1997) analisam a ASMARE e evidenciam como a associação vai além de um local de trabalho, funcionando também como um espaço de construção de capital social e fortalecimento de vínculos comunitários. Além disso, o Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada (Ipea) destaca que organizações como a ASMARE desempenham um papel estratégico na metrópole ao promoverem a inclusão socioeconômica de grupos marginalizados, oferecendo não apenas oportunidades de trabalho, mas também suporte social e comunitário.

- **Escolaridade**

Figura 14 - Gráfico de Escolaridade em 2013 dos catadores associados à ASMARE

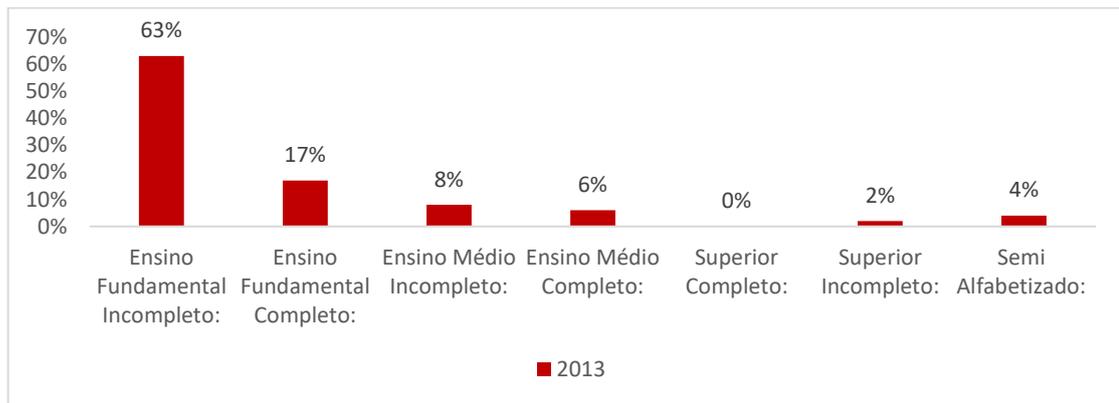
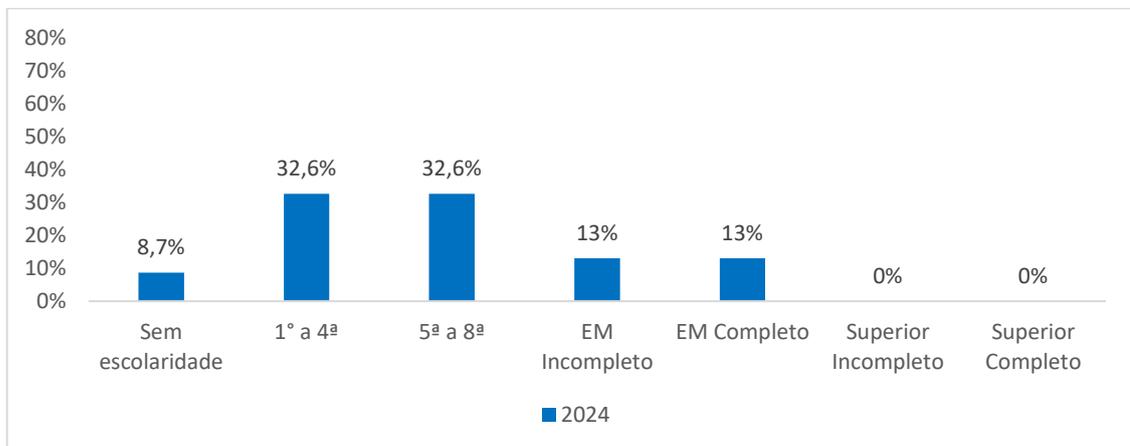


Figura 15 - Gráfico Escolaridade em 2024 dos catadores associados à ASMARE



Em 2013, o relatório da associação apresentava os dados educacionais de maneira categorizada segundo os níveis de ensino, revelando uma realidade marcada por baixos índices de escolarização: 63% dos catadores tinham apenas o ensino fundamental incompleto, 17% haviam concluído essa etapa, e apenas 6% possuíam o ensino médio completo. Entre os dados, 8% possuíam ensino médio incompleto, 2% superior incompleto e 4% eram semialfabetizados.

O percentual de pessoas com ensino superior completo era inexistente como pode ser visto na Figura 14.

Ao contrário de 2013, os dados mais recentes estão estruturados em faixas de escolaridade mais específicas, como “1ª a 4ª série”, “5ª a 8ª série”, e ensino médio incompleto ou completo. Essa diferença de categorização exigiu um cuidado metodológico adicional na hora de comparar os dados, já que as faixas não correspondem exatamente àquelas utilizadas anteriormente.

Ainda assim, foi possível observar avanços significativos na escolarização dos catadores ao longo da última década. Em 2024, Figura 15, os dados indicam que:

Apenas 8,7% dos trabalhadores estão sem escolaridade formal, o que representa uma queda expressiva em relação ao grupo de semialfabetizados e sem instrução apontado anteriormente;

A soma de pessoas com escolaridade entre a 1ª e a 8ª série do ensino fundamental chega a 65,2%, divididas igualmente entre os dois blocos (1ª a 4ª e 5ª a 8ª);

A proporção de catadores com ensino médio incompleto e completo subiu para 13% cada, demonstrando avanços nos níveis educacionais.

Já o número de trabalhadores com ensino superior completo ou incompleto permanece em 0%.

Esses dados mostram uma melhoria nos níveis de escolaridade dentro da associação, ainda que a maior parte dos catadores continue com formação básica incompleta, refletindo os impactos estruturais da exclusão educacional no Brasil, especialmente sobre populações historicamente marginalizadas.

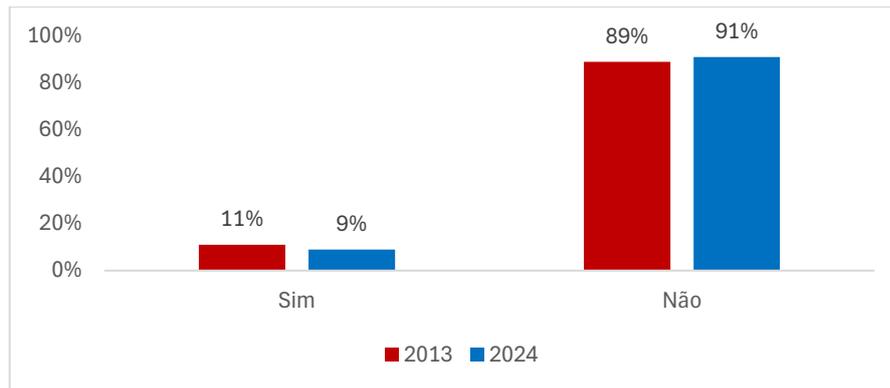
A presença de pessoas com ensino médio completo também é um indicativo de que a reciclagem pode ser, para muitos, uma via de sobrevivência diante da dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, mesmo com maior escolarização.

Além disso, essa análise reforça a importância de ações voltadas à alfabetização de jovens e adultos, além de parcerias com instituições de ensino e programas de educação popular, de modo a garantir o direito à educação e ampliar as possibilidades de formação para os catadores.

- **Caminhão ASMARE**

O uso do caminhão disponibilizado pela ASMARE é um dado que indica a infraestrutura coletiva de apoio ao trabalho dos catadores.

Figura 16 - Gráfico Utiliza caminhão ASMARE



Fonte: MNCR (2013), ASMARE (2025)

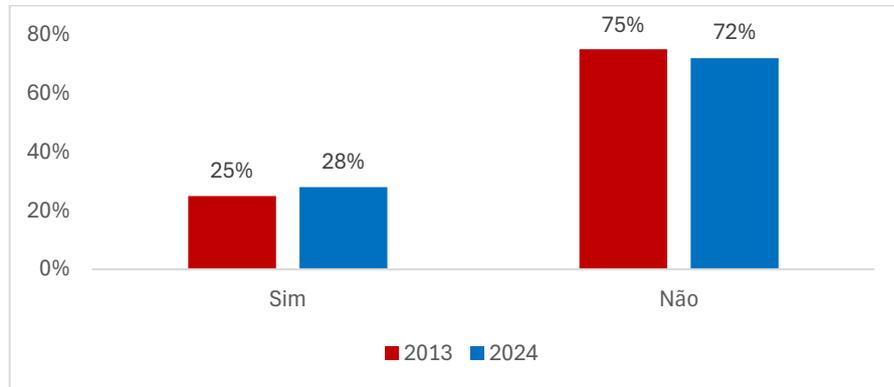
Conforme Figura 16, em 2013, apenas 11% dos trabalhadores faziam uso do caminhão da associação, número que caiu para 9% em 2024.

A baixa adesão pode ser explicada por fatores como: rotas que não contemplam todos os territórios de atuação dos catadores, preferências pelo uso de transporte próprio, ou ainda pela predominância de catadores que trabalham dentro dos galpões, não precisando se deslocar com grandes volumes.

- **Possui carrinho próprio**

Entre os catadores que atuam como carrinheiros, ou seja, que realizam a coleta diretamente nas ruas, a posse de carrinho próprio é um fator que indica grau de autonomia e condições mínimas de trabalho.

Figura 17 - Gráfico Possui Carrinho Próprio



Fonte: MNCR (2013) ASMARE (2025)

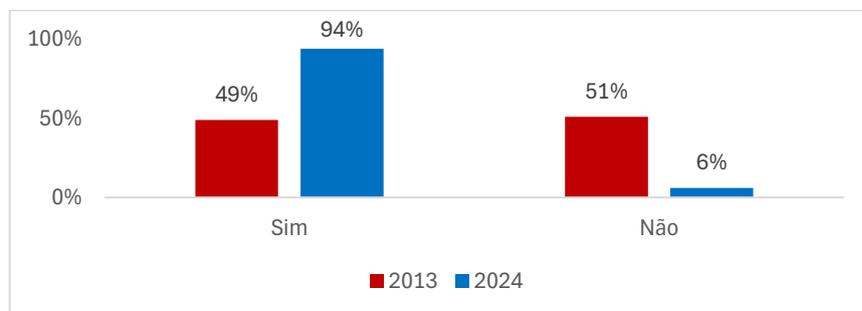
Conforme demonstrado na Figura 17, em 2013, 25% dos carrinheiros declararam possuir seu próprio carrinho, enquanto em 2024 esse número subiu levemente para 28%.

No entanto, a grande maioria — 72% em 2024 — ainda depende de empréstimos ou compartilhamento de carrinhos, o que evidencia uma precarização nas ferramentas de trabalho e demanda atenção por parte de políticas públicas ou ações da própria associação para a melhoria das condições de coleta.

- **Possui conta bancária**

A posse de conta bancária é um dos indicadores de acesso à formalização e aos serviços financeiros básicos.

Figura 18 - Gráfico Possui Conta Bancária



Fonte: MNCR (2013) ASMARE (2025)

Em 2013, apenas 49% dos associados possuíam conta bancária, o que demonstrava um cenário de fragilidade na inclusão financeira. Já em 2024, esse número salta para 94%, representando uma transformação significativa como pode ser verificado na Figura 18.

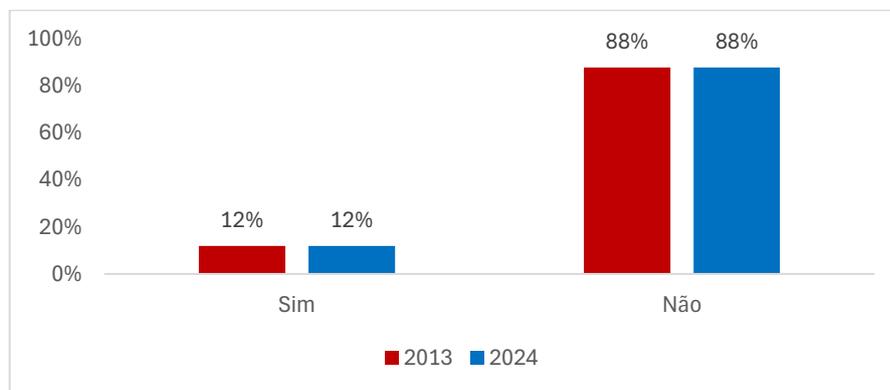
Esse avanço pode estar ligado a fatores como o aumento da digitalização bancária, a exigência de conta para recebimento de benefícios ou projetos e o trabalho de orientação promovido pela própria ASMARE.

O acesso a uma conta bancária facilita transações financeiras, viabiliza o recebimento de auxílios e pode contribuir para o planejamento financeiro pessoal dos catadores, além de representar um passo importante no processo de inclusão social.

- **Contribuinte do INSS**

A contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) representa um dos caminhos de formalização da atividade do catador, garantindo acesso a direitos previdenciários como aposentadoria, auxílio-doença e pensão.

Figura 19 - Gráfico Associados contribuintes do INSS



Fonte: MNCR (2013) ASMARE (2025)

Em 2013, apenas 12% dos associados contribuíam com o INSS, número que permanece o mesmo em 2024 conforme demonstrado na Figura 19.

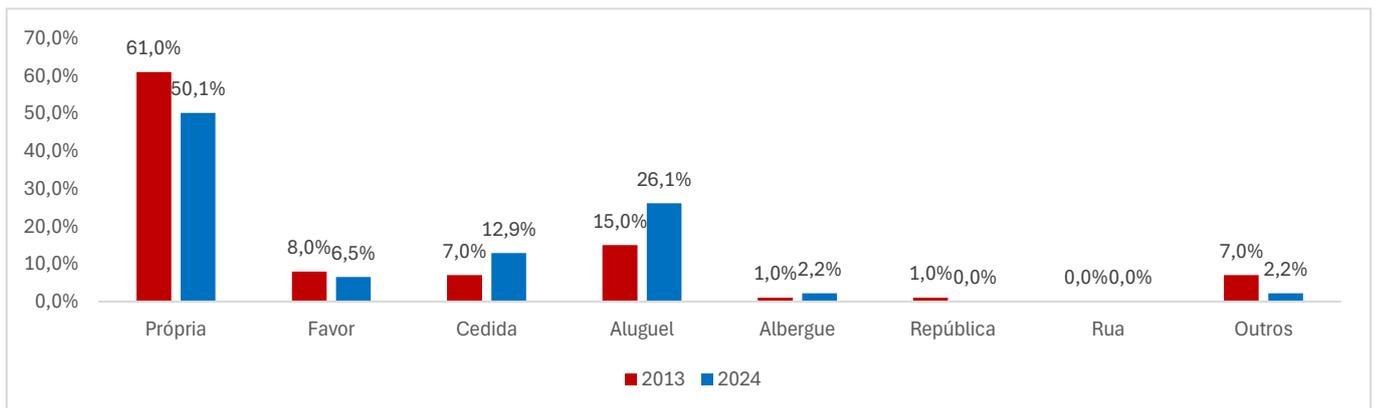
A estabilidade desse baixo índice demonstra um desafio contínuo na formalização previdenciária da categoria. A informalidade do trabalho, a instabilidade de renda e a falta de informação sobre os benefícios da contribuição são fatores que podem explicar esse cenário.

Ainda assim, a manutenção da porcentagem sugere que ainda há uma resistência estrutural ou dificuldades práticas no processo de adesão à previdência por parte dos catadores.

Esse dado também reforça a necessidade de ações educativas e articulações institucionais que incentivem a formalização e o acesso aos direitos previdenciários, especialmente em uma categoria historicamente desassistida.

- **Tipo de Moradia**

Figura 20 - Gráfico Tipo de Moradia



Fonte: MNCR (2013) ASMARE (2024)

A Figura 20 apresenta a análise comparativa entre os anos de 2013 e 2024, que evidencia transformações relevantes no perfil habitacional dos catadores vinculados à ASMARE, revelando possíveis alterações em sua condição socioeconômica ao longo da década.

Em 2013, 61% dos catadores declaravam residir em moradias próprias, percentual que sofreu uma queda significativa em 2024, passando para 50,1%. Essa redução pode indicar um aumento na vulnerabilidade econômica dessa população, além de sugerir processos de deslocamento urbano ou perda de estabilidade habitacional.

Paralelamente, observa-se um crescimento expressivo na proporção de catadores que vivem em imóveis alugados, que saltou de 15% para 26,1% no mesmo período. Tal mudança aponta para uma maior dependência de arranjos habitacionais que envolvem custos fixos mensais, impactando diretamente na renda disponível para outras necessidades básicas.

Outro dado relevante é o aumento no número de catadores que vivem em moradias cedidas, de 7% em 2013 para 12,9% em 2024, o que pode indicar um fortalecimento das redes de solidariedade (familiares, religiosas ou institucionais) como forma de enfrentamento à precarização habitacional. Moradias “por favor” e em albergues mantiveram percentuais baixos, com pequenas variações: de 8% para 6,5% e de 1% para 2,2%, respectivamente. Ainda que representem uma minoria, esses dados refletem situações de dependência e fragilidade social.

É importante destacar que, nos dois anos analisados, nenhum catador declarou residir em situação de rua, o que pode ser interpretado como um indício de apoio mínimo por parte de redes comunitárias, familiares ou da própria ASMARE. Além disso, a categoria “república”, presente em 1% dos registros de 2013, desaparece completamente em 2024, enquanto a categoria “outros” sofre uma queda de 7% para 2,2%.

Os dados apontam para uma tendência de perda da moradia própria e aumento de formas de moradia instáveis ou economicamente onerosas, sugerindo uma crescente vulnerabilidade habitacional.

Diante disso, destaca-se a importância de articulações institucionais que possibilitem o acesso dessa população a políticas públicas de habitação popular, como programas de moradia subsidiada ou iniciativas comunitárias de autogestão habitacional, fundamentais para a promoção da justiça socioambiental e do direito à cidade.

- **Itens sem atualização**

Algumas categorias importantes não tiveram dados atualizados disponíveis até o momento da análise de 2024. São elas:

— Renda familiar;

- Possui ponto fixo de coleta;
- Religião;
- Possui benefício social;
- Utiliza transporte mecanizado;
- Gostaria de contribuir no INSS;
- Número de Membros que moram na mesma casa;
- Encaminhou jovem trabalhador para AMAS.

A ausência desses dados representa uma limitação na atualização comparativa, mas também indica oportunidades para melhoria na sistematização das informações pela associação, especialmente no que se refere a aspectos que ajudam a compor o perfil social, cultural e econômico dos catadores.

### **5.3 O Encontro com a realidade socioambiental da ASMARE**

Durante as visitas técnicas realizadas entre novembro de 2024 e maio de 2025, foi possível vivenciar a aplicação prática de princípios participativos. Desde o primeiro contato com a associação, ficou evidente a receptividade e o interesse da equipe administrativa em colaborar com a pesquisa.

Os representantes da ASMARE demonstraram sensibilidade à proposta, o que reforça o papel da associação como espaço de resistência, organização coletiva e promoção da justiça ambiental, conforme trecho a seguir do Diário de Visita.

*“Registro de Visita Técnica – ASMARE*

*Data: 12/11/2024*

*Hoje é o grande dia!!!*

*No dia 12 de novembro de 2024, fui pela primeira vez na ASMARE. O objetivo era de iniciar o processo de levantamento de informações e dados relevantes para a elaboração do meu TCC.*

*A visita teve como finalidade apresentar a proposta do projeto de pesquisa, estabelecer contato com os membros da associação e compreender, de forma mais aprofundada, a dinâmica organizacional e socioambiental da instituição (o que não aconteceu de início).*

*Cheguei e logo fui bem recebida, as pessoas que estavam próximas ao portão de entrada me direcionaram até a sala do administrativo para que eu pudesse ter as informações que eu queria.*

*Durante a visita, os representantes da associação foram acolhedores, o que demonstrou não apenas a receptividade da ASMARE, mas também seu interesse em colaborar com iniciativas acadêmicas.*

*O aceite imediato da proposta de pesquisa me deixou feliz e ali eu vi que o trabalho estava começando a acontecer.*

*A experiência inicial foi positiva.”*

A ASMARE representa um marco importante na luta por reconhecimento social e valorização do trabalho de catadores e catadoras de materiais recicláveis em Belo Horizonte. Nascida em um contexto de desemprego, informalidade e ausência de políticas públicas, a associação transformou uma atividade socialmente marginalizada em um instrumento de inclusão, dignidade e sustentabilidade ambiental. Essa perspectiva é evidenciada no fragmento (01), trecho de fala presente na pesquisa de Sousa et al. (2019). Ademais, vale ressaltar que foi respeitado o modo de falar dos catadores, sem a intenção de “corrigir” qualquer questão ortográfica.

(01) Catador: Ser catador é ser um meio ambientista, ambientalista, né? Um agente do meio ambiente. Porque, além de estar cuidando do espaço, digamos assim, além de estar ajudando a prefeitura, tá cuidando do meio ambiente. Porque tá tirando, eles falam lixo, mas eu não falo lixo, o reciclável da rua. Então, tá ajudando... reciclar é tudo. Só não o orgânico. O orgânico, para quem não sabe, tipo casca de fruta, verdura, essas coisas, serve de adubo. É bom pra colocar no pé das árvores, né (Sousa et al., 2019).

Conforme Dias (2002), os catadores, ao carregarem consigo a trajetória vivida da ASMARE, tornam-se guardiões de sua memória, elemento essencial para compreender a história do que foi construído e esse entendimento se evidencia no trecho (2). A criação e a organização da associação representam a conquista da luta desses trabalhadores.

(02) Catadora: Naquela época, ninguém falava de meio ambiente, catador, coleta seletiva ou recicragem. Tudo era considerado lixo, até mesmo aqueles que sobrevivem dele. A visão que as pessoa tinha dos catadores era de que eles estavam sujando a cidade. Os fiscais da prefeitura não dava muita trégua e sempre estavam perseguindo a gente. Hoje, todo mundo pode catar o material, mas, naquela época, fiscal prendia e polícia batia. A associação surgiu desse enfrentamento e cada tijolo desse lugar representa um pouco dessa história de luta e sofrimento que a gente passou (Sousa et al., 2019).

A história da fundação e da trajetória da ASMARE está entrelaçada com as vivências pessoais de muitos catadores e encontra ecos nas páginas de *Quarto de Despejo*, obra de Carolina Maria de Jesus, que retrata com intensidade a vida precária nas favelas brasileiras e a luta diária pela sobrevivência. Nesse contexto, a fala da autora ressoa com a realidade dos catadores: “Eu sou produto do lixo. E o lixo é a minha riqueza” (Jesus, 1960, p. 52).

O uso da metodologia não participante exigiu não apenas escuta ativa, mas também autocrítica e adaptação da linguagem acadêmica. Durante a terceira visita, por exemplo, uma das falas marcantes foi a de que “não estava entendendo” o que estava sendo dito, o que provocou uma reflexão profunda sobre a barreira de comunicação existente.

A seguir, apresenta-se trecho do Diário de Visita:

*“Nesta visita, tive a oportunidade de conversar mais profundamente com os diretores atuais da associação, expondo a linha de pesquisa, os objetivos e os métodos previstos para a condução do estudo.*

*Só que durante a troca, percebi certa dificuldade na comunicação, percebi que um deles prestava bastante atenção na minha fala, balançava a cabeça concordando, mas quando foi questionado se estava realmente entendendo o que eu estava falando, ele respondeu que “não estava entendendo”.*

*Nesse momento, eu fiquei reflexiva, pois apesar de estar tomando cuidado com a forma de falar, eu teria que simplificar ainda mais a maneira que eu levava as informações para ele e para todas as pessoas que compõem a ASMARE.*

*Aqui me encontro novamente refletindo na complexidade que é a fala.”*

Essa experiência evidenciou a relevância de uma comunicação acessível e horizontal, que valorize o saber local e estimule a troca de conhecimentos. Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Nêgo Bispo, para quem “as nossas palavras não são conceitos. As nossas palavras são germinantes, são sementes. Nós da oralidade somos lavradores e lavradoras de palavras [...] As letras são sementes e, quando eu escrevo, eu estou semeando letras-sementes que vão germinar em forma de palavras nas bocas de várias pessoas” (Bispo, 2021, p. 2).

O contexto social no qual estão inseridos traduz um pouco do que é ser catador, assim como de onde falam e a quem essa fala se direciona. Ao descrever seu cotidiano como catadora, Carolina afirma: “O lixo é a minha lavoura” (Jesus, 2014, p. 29), revelando como os resíduos serviam não apenas como sustento, mas também como metáfora do lugar social destinado aos pobres na cidade. As falas dos catadores estão inseridas em um contexto histórico, que cria as condições necessárias para a sua existência conforme trechos a seguir:

(03) Catadora: Minha família veio para a capital do estado procurando uma melhor condição de vida, na busca de ajudar os parentes que deixamos lá na roça. Mas as coisas foram mais difíceis do que imaginava. Lá na roça, apesar da vida simples, minha família tinha cidadania. Mesmo no cabo da enxada, plantando e colhendo, nós era como cidadão, e perdemos isso quando viemos pra cidade. Passamos muita dificuldade pra sobreviver. E a rua foi a nossa casa. Depois que os meus pais morrerem, eu comecei a catar papel pelas ruas da cidade. Eu catava e colocava na cabeça, pois, naquela época, eu não aguentava puxar o carrinho. Com a renda do material, eu nunca mais passei fome. E até hoje eu estou nessa luta. Os vinte associados que ajudaram a formar a associação se conheceram na rua, onde compartilharam comida e ficavam catando papel na rua Rio de Janeiro, como se fosse uma família (Sousa et al., 2019).

(04) Catador: Eu sou um ex-morador de rua, né. Eu sou mineiro, mas nasci em Caratinga. Vim para Belo Horizonte com um ano de idade, então a minha vida toda foi aqui. Nós temos uma vida muito difícil. A minha mãe criou a gente sem pai e nós trabalhamos na rua o tempo todo. Vendendo objetos na rua... foi uma vida muito difícil até que eu cheguei aqui, onde é a ASMARE hoje (Sousa et al., 2019).

Os relatos apresentados em (03) e (04) evidenciam de forma clara a origem social de dois catadores, refletindo uma realidade comum à maior parte dos membros da associação. Muitos

migraram de outras cidades em busca de melhores condições de vida na capital mineira, o que corrobora as observações de Honorato (2014) acerca do fluxo migratório e da consequente formação de uma população em situação de rua.

Como aponta o Fórum Lixo e Cidadania (2019), os galpões da ASMARE representam territórios de resistência, local de trocas, cuidado e crescimento, onde o lixo é ressignificado como valor econômico, ambiental e político. Além disso, de acordo com Gonçalves et al. (2014), os galpões da ASMARE funcionam como lugares de sociabilidade e fortalecimento comunitário. A mobilização dos catadores em torno desses espaços, ocasionada em conflitos e resistências, representa não apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também uma forma de disputar visibilidade e dignidade dentro da cidade, como se observa no trecho seguinte.

(05) Catador: Olha, esse processo, todos nós que começamos aqui já tinha essa consciência. Que aqui não iria ser fácil. Aqui foi a primeira associação fundada de catadores de materiais recicláveis. Mas esse processo de mexer com o material, da sociedade entender que nós estava prestando um serviço social, só depois eles viram o valor nisso (Sousa et al., 2019).

Essa leitura é reforçada por estudos que analisam os espaços da associação como local de disputa simbólica e sociopolítica. Sousa et al. (2019) argumentam que a consolidação da ASMARE — desde os primeiros enfrentamentos com o poder público até a mediação da Pastoral de Rua — foi essencial para transformar seus galpões em “espaços onde os catadores reposicionam discursos no campo político das relações de poder” e constroem novas formas de pertencimento e cidadania, evidenciados no trecho (06).

(06) Catador: Bom, pelo que eu sei, isso aqui não era assim como você está vendo. Não tinha esse galpão. A prefeitura e os catadores que fizeram através de luta. O pessoal ficava lá na rua lá. A polícia chegava, batia... atirava, mas o pessoal resistiu. O pessoal resistiu e a prefeitura ajudou a construir isso aqui. E tivemos muitas parcerias e até mesmo um convênio. Foi tipo, você lembra da ditadura? Foi tipo isso. O pessoal resistia. Nós resistíamos (Sousa et al., 2019).

Conforme apresentado na caracterização dos associados, grande parte das pessoas que compõem a ASMARE são mulheres. Muitas são mães solo, negras e moradoras das periferias urbanas. Historicamente invisibilizadas, essas mulheres encontraram na associação uma forma

de autonomia e reconhecimento. Segundo Almeida (2015), o protagonismo feminino nas cooperativas de catadores rompe com estigmas de gênero e amplia o papel da mulher na construção de modelos sustentáveis de trabalho.

(07) Catadora: Eu acabei de criar meus filhos aqui. Já tem dezoito anos que eu trabalho aqui. Hoje eles já estão criados e eu continuo trabalhando. Hoje eu tenho minha casa própria. Mas tudo isso eu devo à reciclagem. Eu acho uma grande ajuda. Porque a gente, quando passa dos 50 anos, já não consegue mais serviço. Então aqui é uma boa ajuda. Aqui é diferente. A gente consegue perceber o valor que as pessoas dão pro trabalho da gente. Não só aqui dentro. Hoje lá fora também é muito reconhecido o trabalho da ASMARE (Sousa et al., 2019).

Essa luta das mulheres também é presente nas falas de Carolina Maria de Jesus. Em seu diário, ela declara: “Sou negra. Eu não tenho vergonha de ser negra. Mas o mundo tem vergonha de mim” (Jesus, 2014, p. 77).

Conforme fragmento (08), apesar das dificuldades, a ASMARE desenvolveu uma prática sólida de educação ambiental. A associação realiza ações em escolas, universidades e comunidades, promovendo a conscientização sobre a importância da reciclagem e da valorização dos catadores.

(08) Catadora: A gente trabalha com os excluídos, o que não é uma tarefa muito fácil. Hoje eu não bebo mais. Eu já cheguei a beber dois litros de cachaça por dia. Mas o álcool não é um problema da associação, ele é social. Não é apenas na ASMARE que o catador usa droga. O catador trouxe o seu vício da rua. Na associação, a gente recebe moradores de rua, recebe pessoas que estão cumprindo pena e vêm até à associação, por meio de medida judicial, para trabalhar como forma de cumprimento de pena. Quando o catador chega na associação, ele não sabe puxar carrinho, catar papel ou separar o material. Na associação, ele tem a oportunidade de aprender sobre tudo isso. As pessoas só gostam de trabalhar com gente pronta, aquelas que são capacitadas, e excluem os diferentes. Na associação, os associados são esses diferentes, os excluídos pela sociedade. Isso gera muito sofrimento, porém é um sofrimento que dá resultado, pois a associação pode ajudar essas pessoas de alguma forma (Sousa et al., 2019).

Segundo Vieira et al. (2019), essas ações contribuem para quebrar estigmas e promover a integração entre saber técnico e saber popular. Durante as conversas com membros da

associação, foi perceptível o conhecimento sobre a gestão de resíduos sólidos, organização coletiva e educação ambiental – conhecimentos que, muitas vezes, não são valorizados conforme trecho do Diário de Visita.

*“Me mostraram os box e as suas repartições. Como é feita a separação de cada local, material e catador. Segundo membros da equipe, há um nicho de catadores que possuem box próprio de triagem e o material que é recolhido proveniente de coletas feitas nas ruas é triado e levado para ele. Nesse local, realizam a separação e fazem a destinação correta, ou seja, se é papelão, juntam a quantidade necessária e levam para a parte de prensagem e o prensista inicia o processo de enfardamento. Se são papéis, já realizam a separação em outro espaço e assim por diante. Atualmente, há toda uma organização de separação por material.”*

A atuação da ASMARE também é um exemplo de economia solidária. Ela se organiza por meio de princípios como autogestão, cooperação e redistribuição de renda. Dessa forma, a autogestão manifesta-se na participação democrática dos associados nas decisões organizacionais, por meio de assembleias e coordenação coletiva, sem a presença de chefias formais ou hierarquias rígidas (Souza, 2013). A cooperação é evidenciada na articulação entre os membros para o cumprimento das tarefas diárias, como a coleta, triagem e comercialização dos materiais recicláveis, bem como no apoio mútuo entre os catadores, sobretudo no acolhimento de mulheres e pessoas em situação de vulnerabilidade (Cattani, 2004). Já o princípio da redistribuição de renda se concretiza na divisão igualitária dos recursos obtidos com a venda dos recicláveis, de acordo com regras definidas coletivamente, o que garante uma fonte estável de renda e promove inclusão social (Gaiger, 2004).

(09) Catador: Mas consciente eu sou e agradeço à ASMARE porque ela me tirou da rua. E eu trabalho hoje, tem meu pão de cada dia... queria estar num lugar melhor na verdade. [...] a nossa renda depende do que a gente vende. Porque todo material tem um preço. Por semana, porque aqui recebe por semana, uns cento e setenta, cento e oitenta reais. O meu maior desafio é o de sobreviver (SOUSA et al., 2019).

Santos e Silva (2014) afirmam que, nesses modelos, o valor do trabalho não se resume à remuneração, mas também à construção de vínculos e ao reconhecimento social de populações historicamente excluídas.

A obra de Carolina Maria de Jesus revela essa mesma busca por reconhecimento. Ao escrever sobre a sua experiência, ela diz: “Tenho necessidade de viver, de escrever, de comer e de educar meus filhos” (Jesus, 2014, p. 63). Essa necessidade de existir plenamente, mesmo diante da pobreza, é o que também move a luta da ASMARE por melhores condições de vida para seus associados.

(10) Catadora: Esse material representa muita coisa. Ele representa trabalho, renda, cidadania, autoestima, tudo. Quando você tem trabalho, casa... você é um cidadão, quando perde isso, você perde a cidadania. Ser catadora hoje é um trabalho que aumenta a autoestima. No passado, eu comecei a recolher o material por causa da fome, hoje eu faço pela cidadania, pelo meio ambiente. Apesar de ter melhorado, até pouco tempo o catador era considerado como lixo. Ninguém olhava para os catadores, ninguém pegava na nossa mão ou sentava para conversar. Nessa época, a gente andava de cabeça baixa, pois tinha vergonha do mundo e das condições de trabalho. Depois da associação e das conquistas, a gente pôde erguer a cabeça e se considerar um cidadão igual a qualquer outra pessoa (Sousa et al., 2019).

(11) Catadora: Ah... hoje ela [a sociedade] vê como algo mais digno. Hoje é mais falado sobre a reciclagem, né, e antes não era. Antes as pessoas não dava muita atenção para os catadores de papel. Agora hoje eles sabem que isso aqui é uma forma de trabalho. A gente tá trabalhando, né? Assim, às vezes alguém olha de olho torto, né? Nem todo mundo gosta, mas a gente não dá muito ideia não (Sousa et al., 2019).

Além de promover a coleta seletiva, a ASMARE também documenta as histórias de seus membros e valoriza sua memória coletiva, como o calendário que a cada mês conta uma história de um funcionário marcante e tem as datas festivas e importantes para a ASMARE. Isso ajuda a combater a ideia de que os catadores são “descartáveis” e reafirma a importância de suas trajetórias.

Esse reconhecimento fortalece o sentimento de pertencimento e demonstra que a sustentabilidade vai além da dimensão ambiental, incluindo memória, identidade e justiça social conforme relato (12) a seguir.

(12) Catador: Quando eu vim pra rua, eu não sabia o que era ser um cidadão. Então eu aprendi e não posso esquecer o que é ser um cidadão. O que é ser um cidadão? Ser

cidadão é ter todos os direitos que todo mundo tem. É poder ir e vir. Entrar num supermercado e poder comprar (Sousa et al., 2019).

Na visita realizada em 08 de abril de 2025, foi possível percorrer o galpão do Barro Preto acompanhada por um dos presidentes da associação. Essa foi a ocasião em que houve maior tempo de convivência com a equipe. O principal objetivo foi promover trocas, observar as dinâmicas no espaço e escutar os relatos dos(as) trabalhadores(as).

Durante essa visita, foram compartilhadas diversas histórias e experiências, possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre a rotina daqueles que atuam na ASMARE. Relatos incluíram informações sobre a divisão dos espaços, as formas de organização do trabalho e os processos internos da associação.

A seguir, trecho do *Diário de Visita*:

*“Durante a visita, aproximei ainda mais de um dos presidentes, com quem compartilhei reflexões e conversas descontraídas sobre os acontecimentos atuais na associação. Também fui apresentada a outros membros da equipe, catadores e catadoras que contribuem diariamente para o funcionamento da ASMARE, o que me proporcionou uma vivência mais próxima a esses trabalhadores.*

*Também me foi mostrada a parte onde houve o incêndio anos atrás. Não sabia da dimensão de lá.*

*É nessa área que ficam os boxes. Apesar da organização por material, o local é desorganizado por não ter muitas formas definidas de como vão utilizar cada box, além de faltar espaço para armazenar todo o material. Tentam realizar o fluxo dos materiais, de entrada e saída, semanalmente, mas nem todos os catadores seguem essa solicitação.*

*Me foi relatado também que a ASMARE promove almoços junto a outros movimentos sociais, participa de palestras em escolas com os seus representantes, promove eventos e leva o nome da associação para outros locais, como feiras, congressos e etc. Tudo isso é compartilhado com muito entusiasmo, mas também com um pouco de timidez, por ocupar locais que muitas vezes quem alcança são outros tipos de pessoas.”*

As conversas informais e os momentos de escuta espontânea foram tão importantes quanto os levantamentos de dados. A metodologia não participante nesse contexto, exige sensibilidade para perceber os múltiplos modos de produção de conhecimento. É preciso estar presente com abertura, empatia e disposição para aprender com a experiência do outro.

Participar da observação do processo de cadastramento de novos catadores foi um dos momentos mais significativos da pesquisa, pois evidenciou o cuidado e o respeito com que são recebidas as pessoas que procuram a associação. Esse processo é carregado de simbolismo: trata-se de reconhecer oficialmente o catador como parte de uma coletividade, como sujeito de direitos e como agente ambiental, quebrando a lógica da exclusão e da informalidade.

*“Um dos momentos mais significativos de hoje foi a participação na observação do processo de cadastro de novos catadores, que evidenciou o compromisso da atual gestão com a organização e o acolhimento dos que chegam. Desde perguntas para pegar dados pessoais até perguntas com foco no futuro “você gostaria de continuar a estudar?” foram mencionadas.”*

Figura 21 - Registro Fotográfico da parte externa da ASMARE



Fonte: Autoria Própria

A estrutura física da associação, embora ainda limitada em termos de infraestrutura, reflete um esforço contínuo da auto-organização. A nova gestão tem se dedicado à melhoria dos ambientes de trabalho e ao acolhimento de novos associados, o que demonstra um compromisso com a inclusão social e a dignidade.

*“Na visita de hoje me contaram que nessa área onde passei (corredor, copa/cozinha, banheiros, salas...) não sabiam nem da existência daquilo. Foi relatado que ali havia tanto entulho que não tinham dimensão de todo o espaço que tinham e que ainda podiam ocupar.*

*Hoje me foram mostrados e apresentados sonhos para serem feitos naqueles lugares. Pontos de melhoria, achados (cadeiras de escritório e mesa), banheiros e cozinha. Para o futuro, pensam em fazer ali a parte administrativa da ASMARE.”*

A presença dos catadores nas ruas, nos galpões e nos processos de triagem é a materialização de uma engenharia do cotidiano, que deve ser reconhecida como tal.

A ASMARE, Figura 21, enquanto organização construída e sustentada por catadores e catadoras, representa uma experiência de enfrentamento ao racismo ambiental. Sua história é marcada por lutas, resistências e conquistas que precisam ser documentadas e valorizadas. A participação ativa dos trabalhadores na produção de diagnósticos, na gestão dos recursos e na formação de novas lideranças é um exemplo de como a autonomia popular pode produzir soluções ambientais mais justas e eficazes.

*“Hoje eu sou um dos presidentes, mas eu não deixei de ser catador. Quando o meu “mandato” acabar, eu vou voltar a fazer aquilo que eu sempre fiz aqui (coletar material reciclável)”*

É fundamental reconhecer que a ASMARE não apenas gerencia os resíduos, mas promove cidadania e pertencimento. Muitos dos trabalhadores ali encontram, na associação, uma nova chance de inserção social, autonomia econômica e reconhecimento.

O diálogo com os diretores da associação revelou uma gestão comprometida com a coletividade, a escuta e o respeito mútuo. Ambos são lideranças formadas na prática, na lida com os desafios diários, e trazem em suas falas uma crítica social refinada, mesmo que não

academicamente sistematizada. Valorizar esses saberes é reconhecer que a produção de conhecimento não é exclusividade da universidade.

A trajetória da ASMARE, assim como os escritos de Carolina Maria de Jesus, evidencia as desigualdades estruturais presentes na sociedade, especialmente nas dimensões racial, social e econômica. Ambas contribuem para a compreensão dos processos de resistência coletiva, transformação social e inclusão por meio do protagonismo das populações marginalizadas. Esses relatos são fundamentais para fundamentar políticas públicas e práticas urbanas que promovam justiça social e sustentabilidade urbana integrada.

A ASMARE é um exemplo vivo de como a luta por justiça ambiental se entrelaça com a luta por justiça social. Ao longo das visitas técnicas, ficou evidente que a associação não se limita a reciclar materiais.

## **6 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES**

Este trabalho analisou a atuação da ASMARE no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte, destacando seu papel estratégico na promoção da inclusão socioambiental, na valorização do trabalho dos catadores e na construção de práticas sustentáveis. A pesquisa permitiu compreender como a associação, ao longo de mais de três décadas, enfrentou desigualdades sociais e o racismo ambiental, consolidando-se como uma referência de resistência, organização comunitária e gestão participativa de resíduos sólidos urbanos.

Os dados levantados evidenciam que a ASMARE promove impactos significativos, tanto ambientais, com a redução do volume de resíduos destinados a aterros, quanto sociais, ao gerar renda, oferecer suporte e ampliar a participação de grupos vulnerabilizados. A análise das características dos(as) catadores(as) ao longo do tempo mostrou mudanças importantes nos perfis de escolaridade, gênero e idade, além de reforçar o papel da associação como espaço de acolhimento e reconstrução de trajetórias.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se a realização de pesquisas que explorem a percepção da população residente no entorno da ASMARE, especialmente no bairro Barro Preto, com o objetivo de compreender as dinâmicas de convivência, possíveis estigmas associados aos catadores e o grau de reconhecimento social da associação. Além disso,

investigações mais aprofundadas sobre as manifestações do racismo ambiental na rotina de trabalho dos(as) catadores(as), considerando tanto as práticas institucionais quanto os discursos públicos, podem contribuir para uma compreensão mais crítica e interseccional da exclusão socioespacial.

Também seria relevante desenvolver estudos que analisem os métodos internos de controle e gestão de dados da própria associação, a fim de aprimorar o monitoramento de indicadores sociais, econômicos e ambientais, fortalecendo a tomada de decisões e a produção de conhecimento autônomo por parte dos(as) associados(as).

Conclui-se que experiências como a da ASMARE revelam o potencial transformador de iniciativas locais baseadas na economia solidária, no protagonismo popular e na justiça socioambiental. O fortalecimento de políticas públicas que reconheçam e apoiem essas organizações é fundamental para a construção de cidades mais inclusivas e sustentáveis, onde o trabalho ambientalmente relevante seja valorizado e os sujeitos historicamente marginalizados sejam reconhecidos como agentes centrais da transformação urbana.

## 7 REFERÊNCIAS

- ABREMA – Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil. São Paulo: ABREMA, 2024. Disponível em: <https://www.abrema.org.br/panorama/>. Acesso em: 02 jul. 2025.
- ABREU, Mariana A. de; SOARES, Raquel R. S. **Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social: estudo de caso da ASMARE-BH.** *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fGmdW6n6s6VxLQFLML6tfqn/>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- ACSELRAD, H. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- ADAMETES, Claudia Megale. Catadores e Catadoras na Luta por Reconhecimento: Políticas Públicas e Racismo Ambiental. In: TEIXEIRA, Carla Costa et al. (org.). *Racismo Ambiental: perspectivas e desafios*. Brasília: Ministério Público Federal, 2021.
- ALMEIDA, Lúcia Maria de. *Mulheres catadoras de material reciclável: trabalho e protagonismo na construção de alternativas sustentáveis*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Carolina Maria de Jesus autografando seu livro “Quarto de Despejo”*. 1960. [Imagem]. Acervo Fundo Correio da Manhã. Disponível em: Wikimedia Commons. Acesso em: 24 jul. 2025.
- ARREGUY, C. A. C.; RIBEIRO, R. R. *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: regional Centro-Sul*. Belo Horizonte: APCBH, 2008.
- ASSIS, J. A.; CHAGAS, F. P. *Incineração de resíduos sólidos urbanos: aspectos técnicos e ambientais*. *Revista Engenharia Ambiental*, v. 15, n. 2, p. 112–122, 2018.
- BARROS, Suelen de Oliveira; LEITE, Livia Ferreira. O setor da moda e a urbanização do Barro Preto: história e transformações. *Revista Geografias*, v. 19, n. 1, p. 144–159, 2023.
- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Restaurantes Populares*. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/seguranca-alimentar-nutricional/equipamentos/restaurantes-populares>. Acesso em: 18 maio 2025.
- BISPO, Antônio. *Palavras germinantes: entrevista com mestre Nêgo Bispo*. Entrevista concedida a Leonardo Barbosa. 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/722775191/EntrevistaPalavrasGerminantescomMestreNegoBispo-1>. Acesso em: 02 jul. 2025.
- BRAGA, Luciana Aparecida. *Redes sociais e vulnerabilidade: um estudo com mulheres catadoras de materiais recicláveis*. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 122, p. 319–339, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/dfxTdf8qfC9gFtqLh8PKRLT/>. Acesso em: 16 mai. 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010.** *Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos.* Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm). Acesso em: 16 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente.** *Cooperativas de catadores recebem R\$ 300 mi em incentivos e impulsionam atividades.* Brasília, 2024b. Disponível em: <https://mundocoop.com.br/destaque/cooperativas-de-catadores-recebem-r-300-mi-em-incentivos-e-impulsionam-atividades/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente.** *Catadoras e catadores de recicláveis: presidente anuncia mais de R\$ 400 milhões em investimentos.* Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/07/presidente-anuncia-mais-de-r-400-milhoes-em-investimentos-e-programas-para-catadoras-e-catadores-de-reciclaveis>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Ministério da Fazenda.** *Economia circular.* Brasília: Ministério da Fazenda, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/transformacao-ecologica/transformacao-ecologica-pagina-antiga/economia-circular>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente.** *Coleta Seletiva.* Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-demateriaisreciclaveis/reciclagem-e-reaproveitamento.html>. Acesso em: 16 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente.** *Conselho Nacional do Meio Ambiente.* Resolução CONAMA nº 481, de 3 de outubro de 2017. Dispõe sobre critérios e procedimentos para a gestão dos resíduos orgânicos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 192, p. 114, 5 out. 2017.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego.** *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002: descrição sumária.* Brasília: MTE, 2002. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/cbo>. Acesso em: 02 jul. 2025.

BROCHIER, Rita de Cássia da Rosa Sampaio et al. *Memória institucional, autogestão e tomada de decisão em um empreendimento econômico solidário no campo da reciclagem.* In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS – CBEO, 4., 2016, Porto Alegre. Anais [...]. Canoas: Unilasalle, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/download/229/221>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CAPELLA, J. *Movimento por justiça ambiental: uma análise.* São Paulo: Edusp, 1996.

CATTANI, Antonio David. **A outra economia: economia popular e solidária.** Porto Alegre: Veraz, 2004.

CAVALCANTE, Sylvia; AMORIM FRANCO, Márcio Flávio. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, out. 2007. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1581>. Acesso em: 02 jul. 2025.

COCKELL, Fernanda Flávia. *Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil*. Psicologia & Sociedade, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 461–471, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/8508>. Acesso em: 16 mai.2025.

Coelho APF, Beck CLC, Fernandes MNS, Freitas NQ, Prestes FC, Tonel JZ. *Condições de vida, trabalho e saúde de catadoras de materiais recicláveis*. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. e57321, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rngenf/article/view/57321>. Acesso em: 16 mai. 2025.

DIÁRIO DO RN. *Cataforte*. Foto: Edmar Chaperman/Funasa. [Imagem]. In: **LULA anuncia mais de R\$ 400 milhões em programas para catadores de recicláveis**. *Diário do RN*, 10 jul. 2024. Disponível em: <https://diariodorn.com.br/presidente-anuncia-mais-de-r-400-milhoes-em-programas-para-catadores-de-reciclaveis/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

DIAS, Paula. *Mulheres, catadoras de materiais recicláveis, organizadas em movimento: um estudo da ASMARE*. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

FERREIRA, Lilian Azevedo. *Catadoras de materiais recicláveis: condições de gênero e desafios socio-organizacionais*. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36075>. Acesso em: 16 mai.2025.

FÓRUM LIXO E CIDADANIA. Galpões da ASMARE: Territórios de resistência e trabalho digno. Belo Horizonte: FLC, 2019.

GAIGER, Luiz Inácio. *Sentido do trabalho e democracia na economia solidária*. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 2, p. 407–431, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922004000200007>.

GOIS, Eduardo Pereira de; SILVA, Ingrid da; COSTA, Maria do Carmo Duarte Freitas. Catadores de materiais recicláveis e o desafio da sustentabilidade nas cidades brasileiras. *Revista Ciências do Ambiente On-Line*, v. 13, n. 1, p. 45–63, 2017.

GONÇALVES, Marilene et al. **Trabalho e exclusão: o caso dos catadores de materiais recicláveis de Belo Horizonte**. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2014.v23n1/146-156>. Acesso em: 30 jun. 2025.

HERCULANO, S. *Justiça ambiental e cidadania: conflitos em áreas degradadas no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2008.

HONORATO, E. F. *Ordem e subversão nas cidades: um estudo sobre a população em situação de rua de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado – Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). *Catadores de materiais recicláveis: diagnóstico com base nos dados do Censo 2010*. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em:

[https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160331\\_livro\\_catadores.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf). Acesso em: 16 mai.2025.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil*. Brasília: IPEA, 2012. Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/120719\\_relatorio\\_residuos\\_solidos.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/120719_relatorio_residuos_solidos.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.

JACOBI, Pedro; TEIXEIRA, Maria Antonieta C. *Criação do capital social: o caso ASMARE – Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte*. Cadernos de Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, 1997.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

LIMA, R. S. *Trabalho e gênero entre os catadores de materiais recicláveis: uma análise sobre a valorização do trabalho feminino na ASMARE/BH*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LOMASSO, A. L. et al. Benefícios e desafios na implementação da reciclagem: Um estudo de caso no Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR). *Revista Pensar Gestão e Administração*, v. 3, n. 2, 2015.

LUSTOSA, Taciana Santos. Desastres naturais e direitos trabalhistas: conexões entre precarização laboral, racismo ambiental e capitalismo de desastre. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*, Brasília, v. 90, n. 4, p. 23–45, 2023. Disponível em:

<https://revista.tst.jus.br/rtst/article/view/116>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MAGNO, Gustavo Diego; MORAES, Adriani Izabel de Souza; VEIGA, Tatiane Bonametti; UEHARA, Sílvia Carla da Silva André. *Cooperativas de catadores e os desafios para a autogestão*. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, Marília, v. 8, n. 19, p. 831-845, ago. 2021. Disponível em:

<https://revista.ecogestaobrasil.net/v8n19/v08n19a12a.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Matos, T. G. R., Maia, L. M., & Maciel, R. H. (2012). Catadores de Material Reciclável e Identidade Social: Uma Visão a Partir da Pertença Grupal. *Interação Em Psicologia*, 16(2).

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (MNCR). *Relatório de ações de inclusão produtiva: Centro de Apoio ao Trabalhador da ASMARE*. Belo Horizonte: MNCR, 2013. Disponível em: <https://www.mnccr.org.br/biblioteca/publicacoes/relatorios-e-pesquisas/relatorio-deacoes-de-inclusao-produtiva-centro-de-apoio-ao-trabalhador-da-asmare>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MONTEIRO, Rhadson Rezende et al. Racismo ambiental, justiça ambiental e mudanças climáticas no Brasil: uma análise dos relatórios anuais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, v. 3, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6783>. Acesso em: 27 jun. 2025.

NASCIMENTO, Priscila Andrade do. *Mulheres catadoras de materiais recicláveis: trabalho, cuidado e resistência na Associação Reciclando Vidas – Natal/RN*. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25964>. Acesso em: 16 mai. 2025.

NEVES, Luana Melim; QUADROS, Suiane Oliveira de; LUTINSKI, Junir Antonio; BUSATO, Maria Assunta; FERRAZ, Lucimare. Catadores de materiais recicláveis: perfil social e riscos à saúde associados ao trabalho. *Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 13, n. 24, p. 162–174, jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/32351>. Acesso em: 02 jul. 2025.

OLIVEIRA, B. G. de et al. **Compostagem como alternativa na gestão de resíduos sólidos orgânicos**. *Revista Engenharia Sanitária e Ambiental*, v. 13, n. 2, p. 198–204, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/esa/a/KR6ct6BsVhf6GMRBdq6BZ3r/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

OLIVEIRA, C. G.; WANDERLEY, S. E. P. V. Subalterno pode escrever! Uma contribuição decolonial e interseccional na obra de Carolina Maria de Jesus para os estudos organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 21, n. 2, p. 242-274, 2022.

PLÁSTICO VIRTUAL. *Tipos de processos de reciclagens do plástico*. 2021. Disponível em: <https://plasticovirtual.com.br/tipos-de-processos-de-reciclagens-do-plastico/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PONTES, Amanda Ribeiro Carolino; FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Entre o racismo ambiental, a pobreza e a resistência: um estudo etnográfico crítico em um território urbano periférico. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 226–252, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/73945>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PORTO, M. *Desigualdades ambientais e saúde coletiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

RESICLEAN. *aris*. [Imagem]. Disponível em: <https://www.resiclean.com.br/aterro-controlado-como-usar/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

RIBEIRO, Wagner Costa; MARCUZ, Livia. *Racismo ambiental: desigualdades socioambientais e os desafios para a justiça ambiental no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2024.

SEBRAE. *As principais diferenças entre associação e cooperativa*. Atualizado em 07 fev. 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artigosCoperacao/entenda-as-diferencas-entre-associacao-e-cooperativa,5973438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SEMAD. *Bolsa Reciclagem*. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais. Disponível em: <https://semad.mg.gov.br/bolsa-reciclagem>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SEMAD – SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Semad apoia catadores na reciclagem durante o Carnaval de BH. *Agência Minas Gerais*, 2024. Disponível em: acesso em: 27 jun. 2025.

SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA DO DISTRITO FEDERAL (SLU). *500 toneladas dos resíduos que chegam ao aterro sanitário são recicláveis*. Disponível em: <https://www.slu.df.gov.br/500-toneladas-dos-residuos-que-chegam-ao-aterro-sanitario-sao-reciclaveis/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

SILVA, Amanda N.; MELLO, Michele C. **Memórias do lixo: luta e resistência nas trajetórias de catadores de materiais recicláveis da ASMARE**. *ResearchGate*, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/337667575\\_MEMORIAS\\_DO\\_LIXO\\_LUTA\\_E\\_RESISTENCIA\\_NAS\\_TRAJETORIAS\\_DE\\_CATADORES\\_DE\\_MATERIAIS\\_RECICLAVEIS\\_DA\\_ASMARE](https://www.researchgate.net/publication/337667575_MEMORIAS_DO_LIXO_LUTA_E_RESISTENCIA_NAS_TRAJETORIAS_DE_CATADORES_DE_MATERIAIS_RECICLAVEIS_DA_ASMARE). Acesso em: 30 jun. 2025.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO SOBRE SANEAMENTO – SNIS. **Diagnóstico Temático – Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos**. Brasília: SNIS, 2021. Disponível em: <http://www.gov.br/cidades/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/saneamento/snis/diagnosticos-anteriores-do-snis/residuos-solidos-1>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa; SILVA, Paula Medeiros da. *Economia solidária: autonomia e emancipação*. In: SILVA, Paula Medeiros da; ALMEIDA, Paulo Henrique Martins de (orgs.). *Economia solidária e emancipação social: uma visão a partir do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 43-63.

SOUSA, José Antônio et al. **Memórias do lixo: luta e resistência nas trajetórias de catadores de materiais recicláveis da ASMARE**. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*,

v. 8, n. 2, p. 276–299, 2019. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401172021010>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOUSA, R. R.; PEREIRA, Rafael Diogo; CALBINO, Daniel. *Limites e desafios das organizações de catadores: uma análise da ASMARE*. Interações (Campo Grande), v. 22, p. 583-596, 2021.

SOUZA, M. L. de. *Ambiente, território e justiça ambiental: reflexões críticas a partir do caso dos catadores de materiais recicláveis*. Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 305–324, 2018.

SOUZA, Maria Tereza Saraiva de; PAULA, Mabel Bastos de; SOUZA-PINTO, Helma de. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 2024. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rae/a/ryBnGwKxMFymv3YrVwfFTdp/?lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2025.

**SOUSA, Romário Rocha.** *Memórias do lixo: luta e resistência nas trajetórias de catadores e catadoras de materiais recicláveis da ASMARE*. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, abr. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B3GLKV>. Acesso em: 20 nov. 2024

SOUZA, Simone Viviane de. **Organização coletiva e economia solidária: a experiência da ASMARE em Belo Horizonte**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:  
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53376>. Acesso em: 30 jun. 2025.

TERRITÓRIOS POPULARES. *ASMARE: história e atuação*. Disponível em:  
<http://territoriospopulares.indisciplinar.com/asmare/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

THINKSTOCK. *A compostagem transforma o lixo orgânico em adubo natural*. [Imagem]. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF). *O que é compostagem e como fazê-la em casa*. Disponível em:  
<https://portais.univasf.edu.br/sustentabilidade/noticias-sustentaveis/o-que-e-compostagem-e-como-faze-la-em-casa>. Acesso em: 24 jul. 2025.

VIEIRA, Camila; ALVARENGA, Letícia; SOUSA, Marcelo. Educação ambiental e catadores: experiências de conscientização em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 53–65, 2019.